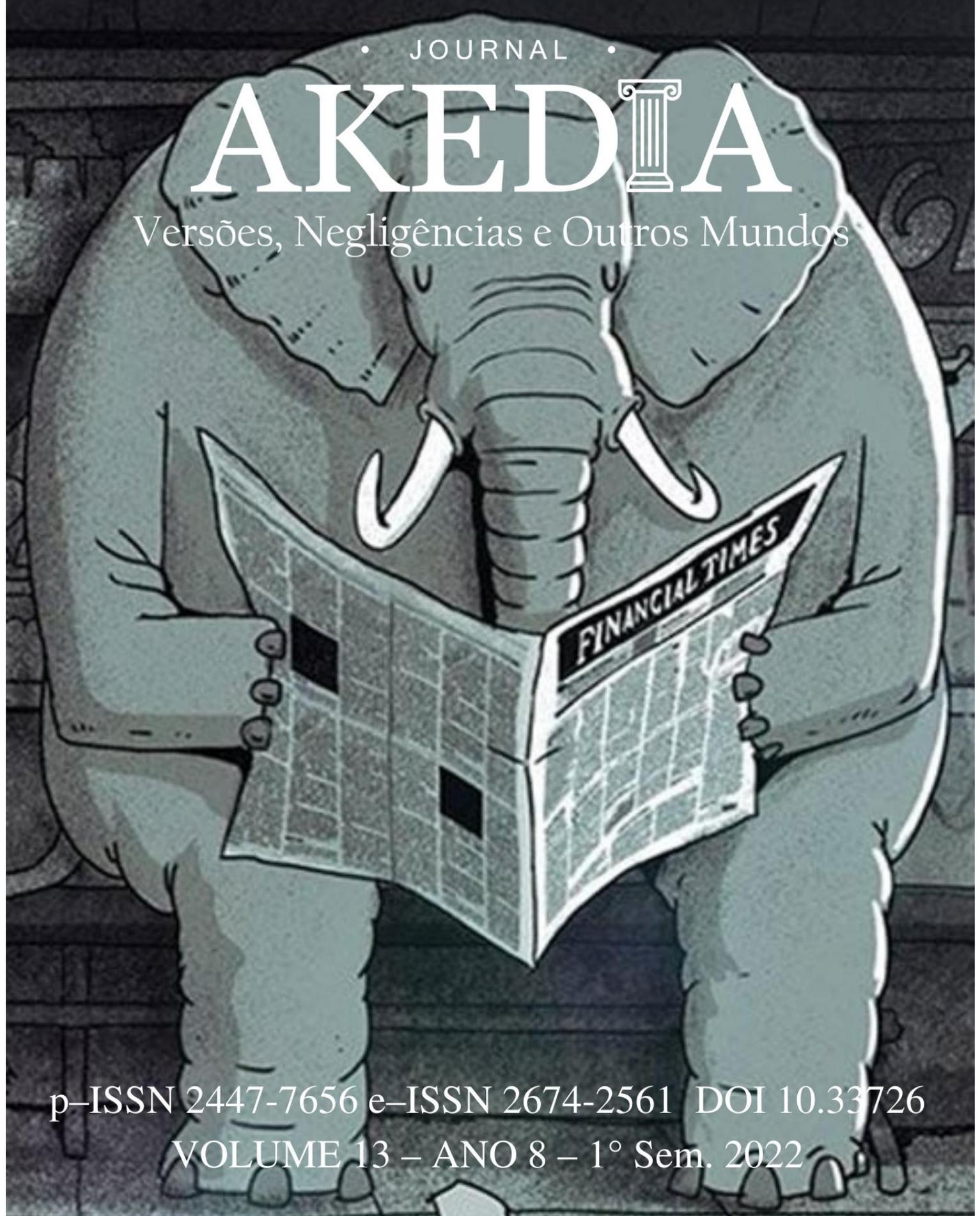


THE TURNING POINT

• JOURNAL •

AKEDIA

Versões, Negligências e Outros Mundos



p-ISSN 2447-7656 e-ISSN 2674-2561 DOI 10.33726

VOLUME 13 – ANO 8 – 1º Sem. 2022

• JOURNAL •
AKEDIA
Versões, Negligências e Outros Mundos

• JOURNAL •
AKEDIA
Versões, Negligências e Outros Mundos



Volume 13 – ano VIII – 1º sem. 2022

O ACERVO DE PUBLICAÇÕES DA AKEDIA É REGIDO PELA LICENÇA CREATIVE COMMONS – ATRIBUIÇÃO 4.0 INTERNACIONAL



GRUPO de pesquisa SOCIEDADE, IMAGENS E CULTURA
(SIC)

TEXTO AKEDIANO PARA ESTE VOLUME

Neste volume 13, evocamos, na Capa e na marca d'água em nossos textos, os precursores de um dos conceitos associáveis ao termo AKEDIA. No presente caso, a palavra *Acédia* (do Francês), retrata uma que ideia "indica a situação da mente oprimida por uma indisposição, cujas nuances incluem desgosto pela vida, tédio, desânimo, preguiça, sonolência, melancolia, náusea, relutância, tristeza, desmotivação.

A acepção de AKEDIA ou *Acédia* aqui tomada, tem por personagem Santo Antônio. Na imagem, se "faz com que o sol pareça lento para se mover, mesmo imóvel, e o dia pareça durar cinquenta horas. É uma espécie de asfixia ou sufocamento da alma, que condena o homem à infelicidade, ao impeli-lo a desprezar o que possui, a situação (trabalho, emocional, social) em que vive, sonhando com outro, fora de alcance. O sentimento de AKEDIA ou de *Acédia* torna o personagem vítima de vários medos (por exemplo, de doenças mais imaginárias do que reais), ineficaz no trabalho, intolerante e incapaz de apoiar "os outros", impotente para controlar os pensamentos que invadem sua alma e o levam ao desânimo, a uma tal insatisfação consigo mesmo, que ele até se pergunta se não perdeu tudo em sua vida. Daí é que nisso, pode se tornar um verdadeiro estado depressivo (o Catecismo da Igreja Católica o define como "uma forma de depressão devido ao relaxamento do ascetismo, ao declínio da vigilância, à negligência do coração") em que o homem é tentado a reduzir a nada sua vida passada (quebrando o vínculo matrimonial ou abandonando os votos religiosos ou, em qualquer caso, "mudando") ou até mesmo se matando". Sobre a AKEDIA ou *Acédia*, Isaac de Nínive sugere que ela "faz o gosto do inferno" (*Les mots de la spiritualité*. By Enzo Bianchi: Paris, 2000. Disponível em: <https://monasterodibose.it/fr/priere/lexique-spirituel/404-acedia>).

Já, em sua vertente marxista, milita na seara progressista, democrata, no espectro político localizado mais à esquerda, posto que seus postulados se difundem, por meio de uma narrativa que cria uma câmara de eco de vitimismo nas pessoas. Isto é, fala ao seu público diretamente naquilo que as confirma em suas carências sociais, em seus deságios culturais, nas suas fraquezas emocionais, prometendo supri-las com a criação de legislação favorável, com a concessão de benemerências, paternalismos que, em última análise, acabam por constituir um enorme contingente de audiência passiva e de fácil condução. Nisso, os protagonistas do discurso fabianista se afastaram do liberalismo e deram norte à esquerda contemporânea.

Em suma, desta história surgiram duas opções fabianas que ainda digladiam. Uma, acena para o liberalismo social e econômico, a outra, mais dominante, insiste na pregação da salvação estatal para uma plateia de convertidos dependentes, o que, neste segundo caso, ganha muita adesão popular e pavimenta o caminho da dominação.

MPEDUCACIONAL

AKEDIA – VERSÕES,
NEGLIGÊNCIAS E
OUTROS MUNDOS

VOLUME 13 – ANO VIII – 1º SEM.

PRODUÇÃO E DIFUSÃO DO
CONHECIEMENTO
ESTUDOS FILOSÓFICOS INTERSEMIÓTICOS

RIO PRETO – SP / FRUTAL – MG
2022

Conselho Editorial & Consultivo / Members of the Council

Dr. Carlos Eduardo Falavigna da Rocha (USP – Universidade do Estado de São Paulo – SP). Instituto de Biociências – Depto. de Zoologia, Cidade Universitária

Dr. Fábio Akcelrud Durão (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas – SP. Depto. Teoria Literária, Cidade Universitária Zeferino Vaz)

Dr. Dionísio Vila Maior (UAL – Universidade Aberta – Lisboa, Portugal)

Dra. Susanna Busato (UNESP – Universidade Estadual Paulista, Rio Preto – SP)

Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes (UEL – Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR)

Dr. Rodrigo Ney Millan (UEMG, Frutal – MG)

Dr. Allynson Takehiro Fujita (UEMG, Frutal – MG)

Dra. Cintia Camargo Vianna (UFU – Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica – MG)

Dr. Marcelo Pessoa (UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal – MG)

Dr. Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal)

Dr. Massimo Di Felice (USP – Universidade do Estado de São Paulo; ECA – Escola de Comunicação e Artes – Cidade Universitária – SP)

Dra. Jociene Carla Bianchini Ferreira (UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças – MG)

Dr. André Vinicius Martinez Gonçalves (IFG – Instituto Federal de Goiás, Formosa – GO)

Pareceristas Permanentes / Permanent Reviewers

Dr. Ricardo Cambraia Parreira (UFGO, Campus II)

Dra. Aida Franco de Lima (UNEMAT)

Dra. Olena Kovalek (AFA – Academia da Força Aérea)

Dr. Eder Ângelo Milani (UFGO, Campus Samambaia)

Dra. Daniela Soares Portela (Anglo – Sistema de Ensino)

Dr. Frederico Thales de Araújo Martos (UEMG, Frutal)

Dr. Isaar Soares de Carvalho (UEMG, Frutal)

Dr. Levi Henrique Merenciano (UEMG, Frutal)

Dr. Marcelo Pessoa (UEMG, Frutal)

Dr. Wisley Moreira Farias (UEMG, Frutal)

Equipe de Revisão Final de Normas e de Linguagem / Final Standards Team

Dr. Marcelo Pessoa, Boss Editor, BRAZIL
Ariane Moraes – Depto. de Marketing, BRAZIL
Paulo Lara Galvão Filho – Consultor Relações Internacionais, EUA
Yago Patranis – Assistente Editorial, INDIA
Paulo Henrique Pedro – Informata, BRAZIL

Revisão de Diagramação e Arte / Review of Diagramming and Art

Dr. Marcelo Pessoa, BRAZIL

Editor-Chefe / Boss Editor

Prof. Dr. Marcelo Pessoa

Créditos de Capa

- Ilustrativa: *The Turning Point*, by STEVE CUTTS. Disponível em:

<https://filmow.com/the-turning-point-t289579/?fbclid=IwAR3Ogdw2gg3zlapqFvEJYrp2oPHS-f5ysC48rtRlayzqi0RqyLAFdGXEuF>

(Acesso em 06/04/2022, às 21h56min).

Impressão por demanda do volume 13 / On-demand printing vol. 13

MPEducacional & AKEDIA Books

Periódico Nacional Indexado por / National Journal Indexed by

Ulrich's – Proquest International Indexer Journal

Google Scholar

Diadorim/IBICT

Latindex

Orcid Connecting Research and Researchers

Researcher Id

Claryvate Analytics

Crossref Foundation

Periódico Licenciado e também Indexado por / Licensed Journal

Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Editor Corporativo / Corporate Editor

Revista AKEDIA – MPEducacional & Grupo SIC – UEMG / CNPq

P475p Pessoa, Marcelo

Produção e Difusão do Conhecimento. Estudos Filosóficos Intersemióticos e suas linguagens. / Marcelo Pessoa (org.) -- Frutal, dezembro, 2022.
114 p. f.: il., (vol. 13, ano VIII, 1º semestre, 2022).

p - ISSN 2447-7656 *e* – ISSN 2674-2561 DOI 10.33726

1. Produção científica. 2. Homem. 3. Cultura. 4. Sociedade I. Pessoa, Marcelo.
II. UEMG / CNPq. III. Título.

CDU 008

EDITORIAL PARA O VOLUME 12

VISÃO INTERDISCIPLINAR

É com grande satisfação que, neste mês de junho de 2022, divulgamos o volume 13 da “Revista AKEDIA: Versões, Negligências e Outros Mundos”.

Concebida originalmente, na segunda metade do ano de 2015, para que fosse uma publicação impressa, esta mídia científica, alinhada às demandas técnicas de seu tempo, rapidamente passou a integrar repositórios digitais como o do *site* da UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal, sendo logo, em 2016, embarcada no seu próprio sítio, via plataforma “wix.com” e, a partir daí, com domínio próprio.

Nesta condição, fez-se eletronicamente *open access* ao leitor e, quando em modal impresso, somente sob demanda, atende a questões ecológicas evitando acúmulo de papel e desperdício de recursos.

Cumprindo quesito CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) de periodicidade semestral, a AKEDIA divulga chamadas de publicação em regime de fluxo contínuo.

O perfil editorial da Revista AKEDIA é gerenciado por seu Editor-Chefe, que também é líder do Grupo de Pesquisas Sociedade, Imagens e Cultura (SIC) e CEO da MPEDUCACIONAL, entidade que gerencia produtos como a Revista AKEDIA, o Canal YOUTUBE da Revista AKEDIA, e o Blog FALA SÉRIO! – FACEBOOK, e demais mídias sociais de divulgação da informação.

A composição do Conselho Editorial & Consultivo do periódico, conta com a participação de pesquisadores de instituições brasileiras e de outros países, os quais atuam, sempre que solicitados, como consultores *ad hoc*, dirimindo questões as quais, sem seu *know how* a solução não se daria a contento.

Centrada nas preocupações associadas às Ciências Humanas e Sociais, esta Revista, bem como as demais publicações científicas e ficcionais do Grupo AKEDIA & MPEDUCACIONAL, apesar de tal premissa, não se atém obrigatoriamente à espécie conceitual que se evoca para esta ou aquela área do conhecimento.

Simultaneamente, nossas publicações não se propõem interdisciplinares, visto que seria paradoxal, isto é, soaria “disciplinar”, romper com uma tradição e aderir a outra:

A Área Multidisciplinar, criada em 1999, passou a ser designada Área Interdisciplinar em 2008, compondo a Grande Área Multidisciplinar. Desde sua criação em 1999, a Área Interdisciplinar vem apresentando a maior taxa de crescimento na CAPES. [...] Esta atuação deve ser entendida como importante para o sistema de Pós-graduação nacional, na medida em que serve como elo de entrada de um número expressivo de universidades em atividades de pesquisa e ensino pós-graduado, contribuindo para o aprimoramento de seu corpo docente e oferecendo oportunidades de formação avançada em recursos humanos nas várias regiões do território nacional (CAPES, doc. de área 2016, p. 02. Disponível em <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=Y2FwZXMuZ292LmJyYfGF2YWxpYWVhby1xdWFkmlbmFsfGd4OjFjNGI5Y2YwNGZmZjNjMDI>, acesso em 04/07/2019).

É fato, por isso, que as publicações ditas, assim, tipicamente akedianas, são controversas, uma vez que orienta nosso *corpus* editorial o desejo de reunir e propalar textos que tratem dos aspectos contraditórios humanos, sociais e culturais que constituam nossa civilização, acenando para um território de reflexões e de fronteiras visíveis e invisíveis, à luz do rigor científico *stricto sensu*, porém, sempre móveis e ajustáveis per se.

Nesta cesta de letras e pensamentos, portanto, cabe toda ponderação que se conceba no mundo, por meio de diálogos recíprocos entre o orgânico e o inorgânico, entre o político e o cultural, entre o microscópico e o macroscópico, entre o econômico e o social, entre o tátil e o invisível, pois, em suma:

A natureza complexa de tais problemas pede diálogos não só entre disciplinas próximas, dentro da mesma área do conhecimento, mas entre disciplinas de áreas diferentes, bem como entre saberes disciplinares e saberes não disciplinares da sociedade e das culturas, dependendo do nível de complexidade do fenômeno a ser tratado. Daí, a relevância, no mundo contemporâneo, de novas formas de produção do conhecimento que tomam como objeto fenômenos que se colocam entre fronteiras disciplinares, quando a complexidade do problema requer diálogo entre e além das disciplinas. Diante disso, desafios teóricos e metodológicos colocam-se para diferentes campos da ciência e da tecnologia (CAPES, doc. de área 2009. Disponível em <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/inter03ago10.pdf>, acesso em 06/05/2015).

Finalmente, vale dizer que, neste espaço de divulgação científica, se publicam textos de membros e não membros do Grupo SIC.

Desse modo, a produção docente, a publicação discente e dos servidores públicos, ou mesmo da iniciativa privada, indicadas por integrantes de nosso conselho editorial nos são objetos preferenciais, desde que frutos de pesquisa básica ou aplicada, em estágio intermediário, medial ou avançado, devidamente orientadas, e que se conectem com o eixo qualitativo expressivo de nosso conselho editorial & consultivo e também respeitem os ditames aludidos pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES.

Marcelo Pessoa

(Editor-Chefe AKEDIA Journal & AKEDIA Books)

PREFÁCIO PARA O VOLUME 13

Neste volume 13 da Revista AKEDIA: Versões, Negligências e Outros Mundos, seguem-se, ainda, a mesma motivação essencial do primeiro número, editado em 2015.

Naquele momento *arkhe* (do grego, principiador), o mote foi o de atender a uma demanda específica, que era o de dar vazão à produção científica de um grupo de alunos de pós-graduação da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal), que cursaram a pós-graduação *lato sensu*, intitulada “Especialização em Gestão Pública”, formação oferecida pela unidade uemguiana da FAPP – Faculdade de Políticas Públicas Tancredo Neves, com sede em Belo Horizonte – MG.

Isto posto, vemos, no volume 13, neste primeiro semestre de 2022, que os autores e autoras que publicamos já não são apenas os da pós-graduação, mas, também, docentes, alunos de graduação, oriundos de outros centros de excelência do ensino.

Igualmente, nota-se que a inserção de membros consultores renomados passou a integrar fortemente a rotina avaliativa feita por pares na AKEDIA.

Isto aconteceu, devido à generosidade dos autores e autoras que, ao longo do tempo, entenderam a importância de enriquecer com suas colaborações jovens propostas como a nossa e, ao nos procurarem, manifestaram o desejo de compor frases e pensamentos nestas páginas, singelamente denominadas de “akedianas”.

Resumidamente, este espaço de escrita acadêmica vem sendo, desde então, consolidado no terreno da exposição do brocardo científico que dá voz à pesquisa básica e aplicada, em face do que se reconhece como necessidade para a construção de uma tradição de ensino, de pesquisa, de gestão e de extensão que se pretenda duradoura.

PESSOA, Marcelo –  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|----|
| EDITORIAL PARA O VOLUME 13..... | 06 |
| PREFÁCIO PARA O VOLUME 13 | 08 |

ARTIGOS

(NOTA: A ORIGINALIDADE DOS TEXTOS É DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES E AUTORAS. Cabe à Equipe Editorial da Revista AKEDIA, apenas a REALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE EDITORAÇÃO, REVISÕES de NORMAS DA ABNT / LINGUÍSTICA E POSTAGEM NO SITE)

| | |
|--|----|
| 1. PESSOA, Marcelo – BELA BADERNA – UMA ANÁLISE APÓCRIFA DA OBRA ... | 17 |
| 2. CARVALHO, Isaar Soares de – O MITO NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA E SUA PRESENÇA NO PENSAMENTO DE FREUD | 41 |
| 3. GUILHERME, Haroldo Souza; COSTA, Rodrigo Manoel da Silva; SOUZA, Iracema Caproni de – O HÁBITO DE VER AS HORAS AO LONGO DO TEMPO: DO ANTIGO ATÉ O MODERNO | 56 |
| 4. NAIRA, Elida; GARCIA, Geovana; ASSUNÇÃO, Jessica; LEONEL, Maria Clara; FERNANDES, Matheus & PESSOA, Marcelo – O DELIVERY COMO FENÔMENO CONTEMPORÂNEO E OS IMPACTOS SOCIAIS | 76 |
| 5. SILVA, Augusto de Souza; FERREIRA, Franciely Freitas; SANTOS, Geniarde Martins dos; MOREIRA, Renata Alves; MACEDO, Samira Souza & PESSOA, Marcelo – A IMPORTÂNCIA DO RECURSOS HUMANOS NAS EMPRESAS | 80 |

RESUMOS & RESUMOS EXPANDIDOS

(NOTA: A ORIGINALIDADE DOS TEXTOS É DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES E AUTORAS. Cabe à Equipe Editorial da Revista AKEDIA, apenas a REALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE EDITORAÇÃO, REVISÕES de NORMAS DA ABNT / LINGUÍSTICA E POSTAGEM NO SITE)

| | |
|---|--|
| 1. PESSOA, Marcelo – MENINAMÁ.COM: UM FILME SOBRE O CONTEMPORÂNEO – R. 05-05 | |
| 2. PIRES, Alexandra Alves; QUEIROZ, Lara Virginia Souza; MARQUES, Maria Antonia Ferreira & PESSOA, Marcelo – BABY BLUES & DEPRESSÃO PÓS-PARTO – R. 06-10 | |

• JOURNAL •
AKEDIA
Versões, Negligências e Outros Mundos

• JOURNAL •
AKEDIA
Versões, Negligências e Outros Mundos

SEÇÕES ESPECIAIS
(As seções especiais são de responsabilidade
de seus editores)

• JOURNAL •
AKEDIA
Versões, Negligências e Outros Mundos

ARTIGOS COMPLETOS

Editores Responsáveis por esta Seção

Dr. Carlos Eduardo Falavigna da Rocha
(USP – Universidade do Estado de São Paulo – SP)

Dr. Fábio Akcelrud Durão
(UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas – SP)

Dra. Susanna Busato
(UNESP – Universidade Estadual Paulista, IBILCE – Rio Preto – SP)

Neste segmento, reunimos uma série de textos que se regem pela tipologia textual do gênero acadêmico “Artigo Completo”. As pesquisas apresentadas são resultados, em sua maioria, de atividades de pesquisa autoral ou de investigação orientada, trazidas a esta editoria científica como contribuição ao volume 12 de nosso periódico.

• JOURNAL •
AKEDIA

Versões, Negligências e Outros Mundos

RESUMOS E RESUMOS EXPANDIDOS

Editor Responsável por esta Seção

Prof. Dr. Josney Freitas Silva
(UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal)

Neste segmento, reunimos uma série de textos que se regem pela tipologia textual do gênero acadêmico “Resumo”. As pesquisas apresentadas são resultantes, em sua maioria, de uma atividade de investigação orientada. Há, ainda, outras produções que a este grupo principal se integraram, pois exprimem resultados parciais, intermediários ou finais oriundos das mais diversas fontes: trabalhos de conclusão de curso, relatórios de pesquisa, de iniciação científica ou de extensão, além de pesquisa docente.

• JOURNAL •
AKEDIA
Versões, Negligências e Outros Mundos

PRODUÇÃO TEXTUAL LIVRE

Editor Responsável por esta Seção

Prof. Dr. Levi Henrique Merenciano
(UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal)

Neste segmento, temos os textos que se regem pela tipologia textual do gênero “Produção Textual Livre”. As escritas apresentadas são resultantes de atividade intelectual sem vínculos com o fazer *stricto sensu* da Ciência, porém, com total aderência às prerrogativas do pensamento humano em seu caráter mais universal. Neste sentido, poemas, ensaios, contos, crônicas, relatos de experiência foram aceitos, visto que aqui, também damos plena liberdade de expressão como elemento integrador social, prescindindo-se, em certos casos, da rigidez da norma culta da língua ou das normas da ABNT, em prol da vazão artística e da licença poética.

BELA BADERNA – UMA ANÁLISE APÓCRIFA DA OBRA

English Title: *BEAUTIFUL TROUBLE – AN APOCRYPHAL ANALYSIS OF THE WORK*

[doi>10.33726/akdpapers2447-7656v13a82022p17-40](https://doi.org/10.33726/akdpapers2447-7656v13a82022p17-40)

PESSOA, Marcelo¹ –  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

RESUMO: *Bela Baderna – ferramentas para revolução*”, é um livro, cujo título original é *Beautiful Trouble: A Toolbox For Revolution* (2012), foi traduzido e publicado pela Ideal Edições (2013). Uma versão resumida da obra foi coeditada pela *Escola de Ativismo*, fragmentada e colocada ao livre acesso público em seu site. No início de 2022, o título em português se encontra esgotado para compra e, neste sentido, retiramos do site da *Escola de Ativismo* a versão desmontada do livro, o repaginamos e, a ele, acrescentamos mais um Capítulo, lá intitulado “Bela Apresentação Subvertida”. E é este novo Capítulo, que se transformou na presente análise, ligeiramente adaptada à tipologia textual que aqui se exige nesta Revista. Por meio de uma revisão aplicada de expressões e de conceitos socioculturais que transitam nas redes sociais e na mídia jornalística, em suas diversas plataformas, trazemos ao conhecimento do leitor uma série de informações que, num contexto político-eleitoral efervescente, tal qual o que teremos em 2022, torna a leitura deste Artigo de análise, tão necessária quanto a leitura das páginas de *Bela Baderna* per se.

PALAVRAS-CHAVE: *Bela Baderna, Beautiful Trouble, Produção e Difusão do Conhecimento*

ABSTRACT: *Beautiful Trouble – tools for revolution*”, is a book, whose original title is *Beautiful Trouble: A Toolbox For Revolution* (2012), was translated and published by Ideal Edições (2013). An abridged version of the work was co-edited by School of Activism, fragmented and made available to the public on its website. At the beginning of 2022, the title in Portuguese is sold out for purchase and, in this sense, we removed the disassembled version of the book from the School of Activism website, we repackaged it and, to it, we added another Chapter, there entitled “Beautiful Subverted Presentation”. And it is this new Chapter, which has become the present analysis, slightly adapted to the textual typology required here in this Journal. Through an applied review of expressions and sociocultural concepts that transit in social networks and in the journalistic media, in their various platforms, we bring to the reader's attention a series of information that, in an effervescent political-electoral context, such as what we will have in 2022, makes reading this analysis article as necessary as reading the pages of *Beautiful Trouble* per se.

KEYWORDS: *Beautiful Trouble, Bela Baderna, Production and Dissemination of Knowledge*

¹Bolsista de Produtividade Científica – Chamada 01/2021 – Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ / UEMG.

INTRODUÇÃO

O livro *Beautiful Trouble – a toolbox for Revolution*, publicado em 2012, tem 450 páginas. Em sua tradução para o português, (Ideal Edições, 2013), foi “resumido” para uma edição pocket, e passou a se chamar *Bela Baderna – ferramentas para revolução*.

Em 2016, a *Escola de Ativismo*, entidade de ativismo social brasileira, desmontou o miolo da obra, retirou o Posfácio da Edição Brasileira, e dispôs em seu site, os capítulos traduzidos e resumidos, dando-lhes livre acesso ao público em geral (<https://medium.com/@EAtivismo/bela-baderna-ferramentas-para-revolu%C3%A7%C3%A3o-f5b266d4d559>). Acesso em 07/01/2022, às 16h48min). E, é a partir disto, que nesta republicação de 2022, faremos, antes da análise da obra propriamente dita, três considerações.

Em primeiro lugar, consideramos que pode ter havido uma subversão na tradução do título, o que pode ter contribuído para que a ideia original de uma “Caixa de Ferramentas”, cujos itens até seriam capazes de colaborar cientificamente com a oferta de “objetos de estudo” para uma tomada de consciência sobre a transformação do comportamento e do pensamento na sociedade, perdessem a sua “aura” de Ciência e ficassem à mercê de quaisquer interpretações.

Esse deslize linguístico pode ter ajudado, portanto, parte da militância mais aguerrida na operação de um malabarismo interpretativo da obra, fazendo com que eventuais postulados teóricos que dela pudessem ser extraídos, virassem, em suas

mãos, meros compilados de “Métodos para a Organização Coreográfica da Bagunça” ou para o estabelecimento de uma “Nova (Des)Ordem Mundial”:

Quer dizer: como chamar a atenção para uma causa, ou conseguir provocar um debate, ou conquistar determinado público, fazendo exatamente aquilo que se espera que façamos? Como mudar o jogo com ferramentas e estratégias que já foram incorporadas a ele? Não me parece uma ideia muito razoável. É aqui, caras e caros, que entra essa bela pilha de papel (ou de não-papel, claro) que vocês têm nas mãos (Trecho do tópico “Prefácio Brasileiro”).

Em segundo lugar, assim como no volume original, nossa versão linguisticamente revisada e subversivamente acrescida de um novo tópico – Uma “Bela Apresentação Subvertida” – e republicada pela “AKEDIA Books” (2022), se divide em três partes: Táticas; Princípios e Teorias. Ressaltamos que nosso ponto de partida é uma versão do texto que foi tornada pública no site da *Escola de Ativismo* e, a partir disto, nos sentimos munidos de uma apócrifa autorização para subverte-la, no que, aliás, seguimos a orientação dos próprios organizadores da obra, atestadas no seu tópico de “Introdução”:

Nós convidamos os leitores a explorar nosso site, www.beautifultrouble.org, que é mais do que um apêndice do livro e, talvez represente a expressão mais completa deste projeto. [...] **Esperamos que o site cresça e se transforme em uma plataforma em que artistas e ativistas possam convergir para compartilhar ideias, arquivar estudos de caso e debater melhores práticas. Com a participação dos leitores, o conjunto de práticas que constitui o *Bela Baderna* pode continuar a evoluir e se expandir**, acompanhando os movimentos sociais emergentes e suas inovações táticas. **Inclusive incluimos modelos de formulários no site para cada tipo de**

conteúdo, onde é possível submeter ou sugerir novos módulos. *Bela Baderna* não é apenas um livro ou um site, mas também uma comunidade cada vez maior de ativistas experientes e artistas que estão usando o conteúdo do livro para treinar a próxima geração de baderneiros.

Nos trechos grifados acima, pode ser que os Organizadores de *Bela Baderna* tenham dado a entender aos leitores, que sua coletânea aparentemente obedece à índole contemporaneamente consagrada do modelo “wiki”, que pressupõe o modelo de produção colaborativa, assim como acontece noutros conteúdos dispostos em repositórios digitais na rede, os quais podem ser livremente acrescentados e compartilhados entre a comunidade de usuários.

Mas, pode ser também, que a maior subversão pública da *Escola de Ativismo*, tenha sido ofertar *Bela Baderna*, em regime de distribuição “gratuita”. É provável que a *Escola de Ativismo*, ao agir assim, tenha crido que “liberando” o texto de *Bela Baderna* ao acesso público, não estaria infringindo coisa alguma, já que estariam “prestando um grande serviço sociocultural à humanidade.

Sob este duplo prisma de possibilidades e em terceiro e último lugar, explicamos que buscamos a versão de *Bela Baderna* que já estava em regime de acesso público, no site da *Escola de Ativismo*, e que foi nesta versão pública que fizemos uma revisão linguística, conforme as novas normas do Acordo Ortográfico vigente, corrigindo, inclusive, pequenos erros gramaticais, antes de a republicarmos, acrescida desta Análise.

Em seguida, acrescentamos ao texto, esta “Bela Apresentação Subvertida”, recolocando subseqüentemente a obra, já diagramada e nestes termos reformulada em repositórios digitais

de oferta de conteúdos à comunidade de leitores que por ela viessem a se interessar.

Logo, atendendo ainda ao chamamento coparticipativo que se faz no trecho acima destacado, e como “baderneiro neófito” que me tornei, ao revisarmos, ampliarmos e republicarmos a obra, aplicamos parte do treinamento realizado durante a leitura deste “manual de baderna”, dando materialidade ao que ele próprio incita.

Portanto, sob a luz dos termos de seu tópico “PRINCÍPIO: Faça o trabalho da mídia por eles”, assinado por Andy Bichlbaum, em que se inscreve uma epígrafe de Jello Biafra – “Não odeie a mídia, torne-se a mídia”, nós, da Revista AKEDIA & AKEDIA Books, nos tornamos a própria mídia da subversão prescrita por Jello Biafra, e agora, colocada neste final de obra, Análise proscrita.

E fizemos nesta nossa interpretação apócrifa, além disto, o trabalho de esclarecimento e também de denúncia das apologias negativas que se ensinam na apócrifa *Bela Baderna*, por nós entendidas como de exposições necessárias à opinião pública.

Estas, supomos, deveriam já ter sido reveladas pela grande mídia que as tivesse divulgado, ou, em plano secundário, pelos tradutores da obra – que com ela tiveram contato íntimo, ou mesmo da Editora que inicialmente o (re)publicou.

Contudo, todos, em cadeia, ao nosso ver, se omitiram, protegidos ou obedientes que se julgavam estar todos sob o dulcíssimo Véu de Maya de um questionável viés de liberdade de expressão.

ANÁLISE APÓCRIFA de *BELA BADERNA*

Assim dito, iniciando nossa Análise da obra, e mantendo as divisões originais já mencionadas, vale destacar, que vemos claramente dois momentos distintos na obra.

Um, em que os autores se preocupam em teorizar, descrever e esclarecer o que esta ou aquela linha de raciocínio dispõe ao leitor; e, noutro, os autores dos respectivos Capítulos encartados no volume, em cada uma destas partes, fornecem ao leitor uma espécie de “Orientação” para a “Organização de Grupamentos e de Ação Ativista”, a fim de que atuem nos mais diversos segmentos em que se possam estabelecer tais exercícios.

Relembrando o histórico de publicações da obra, vê-se que a *Escola de Ativismo* brasileira o coeditou (em 2016), dando livre acesso do texto ao público, a ativistas e militantes de todas as causas. Acresceram-se a estes, desde então, “Notas” e “Estudos de Caso”, exemplificando o modo com que se deram a aplicação prática das verdadeiras “técnicas de guerrilha” apresentadas no *Beautiful Trouble*, em teorias tais, como:

A expressão “Guerrilha Eleitoral” une dois conceitos aparentemente incompatíveis. Ativistas eleitorais trabalham dentro das vias mais aceitáveis e convencionais do Estado, em sua tentativa de reformar o sistema pacificamente. As guerrilhas, no sentido militar, existem nas margens mais afastadas do sistema social, em constante movimento, lançando ataques-surpresa contra o Estado, antes de desaparecer novamente. Esta contradição é o que torna o teatro de guerrilha eleitoral uma carta na manga no repertório de resistência, tanto para o oponente quanto para o ativista (Trecho do tópico “TÁTICA: Teatro de guerrilha eleitoral”).

A partir disso, tal qual se induz literalmente em seu tópico “Prefácio Brasileiro”, a obra se tornou um cultuado “Manual de Estratégias Subversivas” a serviço da atuação política no Brasil.

No contexto político brasileiro contemporâneo, a face mais nítida dessa performance, talvez seja a que se aproxima de uma dessas suas ideias: “Os movimentos vencem, não por se tornarem mais poderosos do que seus oponentes ativos, mas, sim, por removerem a base de apoio desses oponentes” (Fragmento do “PRINCÍPIO: Mude o espectro de aliados”). Neste sentido, os cancelamentos de contas de trabalhadores digitais, os banimentos de usuários de redes sociais, a prisão de simpatizantes do atual Presidente não seriam um modo de “atacar” as bases de apoio político no Brasil?

A aplicação institucional disto talvez a tenhamos no chamado “Inquérito do Fim do Mundo”. Por meio de atos monocráticos de Ministros do STF – Supremo Tribunal Federal – tem-se mandado investigar, prender pessoas e bloquear redes sociais que veiculam conteúdos sobre o atual Presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro.

Outro ponto neste embate direto, deu-se pela criação de uma “CPI da COVID-19 no Senado” – Comissão Parlamentar de Inquérito. Nesta, por sua vez, sob o pretexto de investigar a condução da Pandemia, realizaram-se massivos ataques à pessoa de Jair Bolsonaro, os quais superaram enormemente a medida do interesse público das investigações.

Com isto, vale dizer, os nossos excelentíssimos Senadores, não só deixaram de dizer informar ao contribuinte pra onde o dinheiro dos impostos estariam indo, como também renegaram os postulados de *Bela Baderna*, num raríssimo intervalo de lucidez da obra, que propõem aos aprendizes de baderneiros: “Conteste o comportamento, não a pessoa. Seja sensível e promova o diálogo aberto” (Fragmento do tópico “TEORIA: Antiopressão”). Agora, quem pôde acompanhar a CPI da COVID, no Senado, assistiu ao show de horrores que aquilo foi.

Mas, não apenas nestes pontos, o teor mais controverso e radical do ativismo tem se evidenciado, uma vez que Fake News (“Lembre-se: as pessoas respondem a uma história, não pelo fato de ser verdadeira, mas porque é significativa para elas” – Fragmento do “PRINCÍPIO: Pense narrativamente), ocupação de espaços (“A lógica de ação de muitas dessas ocupações é a de que as pessoas estão retomando espaços que são seus [...]” – Fragmento da “TÁTICA: Ocupação), calote coletivo de obrigações financeiras e outras ilusões antiéticas são textualmente “ensinadas” nestas páginas baderneiras:

É aí que entra o boicote à dívida, um experimento de barganha coletiva para devedores. A ideia é simples: coletivamente, nós paramos de pagar nossas contas aos bancos, até que eles negociem. E já que não podem operar sem o dinheiro desses pagamentos — para empréstimos estudantis, hipotecas ou crédito ao consumidor — os bancos estarão sob severa pressão para negociar (Trecho do tópico “TÁTICA: Boicote à dívida”).

Apesar de que alguns conteúdos sugeridos explicitamente expressarem teor nocivo à integridade física de terceiros, à essência íntegra da verdadeira liberdade de expressão, à

propriedade privada, ao recato e aos bons costumes, de algum modo, a militância e os ativistas se considerariam imunes aos postulados legais e morais que os demais membros da sociedade devem seguir. Fazem do pudor uma questão de valoração comercial (se o crucifixo for “baratinho”, tudo bem, podem compra-lo e enfiá-lo onde quiserem) e da indecência um esquete cênico, um artístico “ato de luta” a favor dos “direitos das mulheres” – e será que as mulheres concordam mesmo com isso?:

Os jornalões anunciam a barbárie: estátuas de santas foram quebradas. Um crucifixo foi enfiado, literalmente, no cu. [...] O contexto real, porém, era outro. Em meio a uma manifestação pelos direitos das mulheres, enquanto se realizava a Jornada Mundial da Juventude Católica, estátuas foram quebradas em uma performance artística. A estátua de gesso e o crucifixo de madeira, comprados em lojinhas de presentes pela bagatela de vinte reais (se tanto) não passavam ali de objetos cênicos. Goste-se ou não, as encenações, como aquela, servem como estratégias de luta (Fragmento do trecho “PREFÁCIO BRASILEIRO”).

Evocam para si, apesar da contradição escancarada, um monopólio de virtude, fazendo com que o cumprimento de normas lhes sejam facultativos, isto é, a observância destes princípios de convívio coletivo pode ou não ser atendidos, conforme a conveniência do momento:

Responsabilidade pode ser um conceito assustador para ativistas, mas é melhor pensar sobre isso como um processo proativo que construímos juntos, ao invés de um critério que é ou não atendido. [...] No entanto, a responsabilidade não é nosso objetivo; nosso objetivo é a colaboração. [...] A experiência da Ruckus Society com esse princípio é ilustrativa (Fragmento do trecho “PRINCÍPIO: Aceite a liderança dos mais impactados”).

Assim, alicerçados com substratos teóricos vazios como este, os ativistas, fantasiados e pensando como Peter Pan, saem por aí, relativizando valores institucionais, como se crimes e outras obscenidades fossem atos inconsequentes ou ingredientes insossos para engordar roteiros nas “pegadinhas” de programas de auditório, e que as Leis e a Moral da sociedade organizada fossem meros apêndices de adesão facultativa e que, por isso, podem ser livremente ignorados.

Neste sentido, movidos pela tentação de uma repentina liberdade imaginária daquilo que os oprimiria – num dos casos aventados acima, as dívidas – começam a colocar em prática toda a substância agressiva e potencialmente nociva do livro.

Para eles, os ativistas e oprimidos de algum modo, isso passou a ser um necessário e louvável arroubo criativo, além de isso ser, para eles, um elevado grau de expressão e de resistência, é tática de combate às “injustiças” das quais se julgam vitimizados.

No tópico “TÁTICA: Interrupção Criativa”, os autores do Capítulo, inclusive, acenam para com a possibilidade de enfrentamento direto entre manifestantes e seus alvos-algozes. Nisso, cabe ressaltar, os autores que se articulam na *Bela Baderna* se contradizem quanto à natureza das propostas pretensamente “pacíficas” que postulam, utilizando, levemente, o aval de grandes nomes do ativismo internacional, para tentar legitimar a ambiguidade velada de seu texto:

Devemos sempre conduzir nossa luta no mais alto plano da dignidade e disciplina. Não devemos permitir que nossos protestos criativos degenerem em violência física. Devemos subir às majestosas alturas de confrontar a força física com a força da alma, incessantemente (Dr. Martin Luther King, Jr.)

(Este fragmento está em forma de epígrafe, no tópico: “PRINCÍPIO: Mantenha a postura não-violenta).

Mas, onde estaria este pretensão pacifismo das táticas ensinadas na *Bela Baderna*, quando lemos isto e também aquilo? Estariam ocultas na previsibilidade inconsequente e hostil de suas premissas. Será que haveriam segundas intenções, ou não? Quer dizer que se utilizar do nome do Dr. Martin Luther King, Jr. seria somente um efeito cênico, posto que, ao provocar no outro um forte ato de repulsa a quaisquer ofensivas injustas impostas a si, a conta do “revide” seria paga por quem se sentiu ofendido – e isto bastaria para fazer das “agressões” dos ativistas um conjunto de atos pacíficos?

Isso vale tanto para se proteger de ursos quanto para o ativismo: encurralar alguém pode provocar reações violentas. Se sua intenção for eliminar a opção de fugir em um cenário em que as opções são lutar ou fugir, você precisa tomar todas as precauções necessárias para minimizar os riscos para você e seus aliados, caso o oponente resolva vir pra cima (Fragmento do tópico: “PRINCÍPIO: Coloque seu oponente em um dilema de decisão”).

Será que certos grupamentos ativistas pressupõem, a partir ou mesmo antes da *Bela Baderna*, que o restante da sociedade pode ser deliberadamente utilizado como fantoches de seus experimentos sociais, só por que eles acham “bonito” nos ver indo e vindo, fazendo algo ou não, segundo os seus próprios interesses?:

Em 1986, cientistas da computação fizeram um experimento sobre emergência — “onde comportamentos globais complexos podem surgir” sem planejamento e sem programação “a partir da interação de regras locais simples. Eles criaram pássaros virtuais chamados boids. [...] Os pássaros se agruparam em um bando. Conforme o bando se

aproximava de uma nuvem, ele se dividia em bandos menores, para cada um dos lados, e depois se reagrupava — tudo isso sem que a ideia de um bando tivesse sido programada no sistema. Esse experimento foi uma demonstração nua e crua de algo que vivenciamos na natureza e na sociedade o tempo todo — e algo que os ativistas podem fazer bom uso. Se você está tentando organizar uma obra de arte participativa, uma ação em massa ou uma campanha viral, você não precisa roteirizar tudo — mesmo que você pudesse. Tudo o que você precisa é de algumas regras simples que os participantes possam seguir. Se você estipular as regras certas, elas podem levar a um acontecimento surpreendentemente robusto, eficaz e bonito (Fragmento do “PRINCÍPIO: Regras simples podem levar a ótimos resultados”).

Será que o “dilema de decisão” o qual o texto de *Bela Baderna* tanto enfatiza (a expressão é repetida pelo menos umas 15 vezes na obra resumida), residiria especialmente no fato de que, se quaisquer dos cidadãos que estiverem próximos das intervenções ativistas, se recusarem a atuar como figurantes no seu laboratório sociocultural – então, estes, serão “do contra”; porém, se ficarem quietinhos e cumprirem com seu “papel” de cenário, de mobília útil, então, serão “do bem” – este seria um “dilema de decisão” falso ou verdadeiro? – Não sei – o que vocês acham, desse dilema do “ser” ou não “ser”?:

A ideia de que você possa mudar a cabeça dos malfeitores com uma reunião em massa, na frente do seu reduto, não é exatamente o que mostra o registro histórico. Ao contrário, pense no seu oponente e no público direto como atores involuntários de uma peça de teatro que você está planejando para outra audiência, que eles nem sabem que existe (Fragmento do Tópico: “PRINCÍPIO: Toque para o público que não está lá”).

Como exemplo dessa arapuca militante em que o ativismo pueril compulsoriamente nos coloca a todos, temos o fragmento

textual a seguir. Imaginemos, na cena descrita abaixo, do que o ativismo ensinado em *Bela Baderna* considera como uma “interrupção criativa e não passiva”, se o “alvo” da manifestação, em atitude de autodefesa instintiva, estivesse armado ou se lutasse fisicamente com o suposto “manifestante / agressor”, o que poderia ter acontecido (a ambos) ainda faria parte do contexto de uma “manifestação criativa”, ou algum dos envolvidos (isso vale tanto para os militantes quanto para o seu “alvo) reputaria ser este um ato de grave agressão – “e, neste segundo caso, quem seria responsabilizado pela eventual violência recíproca gerada?:

Uma interrupção criativa não precisa ser passiva. Quando Newt Gingrich veio para a conferência do Conselho da Família de Minnesota, para autografar livros, um ativista gay esperou pacientemente na fila e, quando chegou sua vez, jogou uma bomba de purpurina arco-íris sobre Gingrich, gritando “Sinta o arco-íris, Newt! Chega de ódio, chega de políticas anti-gays”, enquanto era retirado da sala. O vídeo documentando o evento viralizou (Veja o tópico: PRINCÍPIOS: Faça o trabalho da mídia por eles) e a ação ganhou a atenção da imprensa internacional, provocando uma onda de ativismo LGBT.

Talvez o alvo-algoz nem fosse o escritor Newt Gingrich, ainda que ele próprio, noutros tempos, tivesse manifestado posturas intelectuais distintas daquelas dos indivíduos que o tenham atacado. É provável, enfim, que os verdadeiros alvos nem estivessem na cena, que nem fosse o escritor:

Algumas vezes, ativistas pensam que fazem o que fazem para mudar a cabeça de banqueiros, executivos ou outros aos quais se opõem ostensivamente. Uma coisa é fingir que você faz uma ação para convencê-los — para encenar uma ação teatral eficaz, isso é geralmente necessário — outra coisa completamente diferente é você mesmo acreditar nisso

(Fragmento do Tópico: “PRINCÍPIO: Toque para o público que não está lá”).

Por causa desses vieses de contradição que se levantam frente ao olhar mais atento, é que cremos, assim como muitos que já o leram, que o texto de *Bela Baderna* virou um tipo de “Manual de Guerrilha Política e Social”, que mistura, em si, elementos de um “Manifesto Ativista das Minorias”, ao mesmo tempo em que se tornou um “Guia para a Formatação de Pedagogias Subversivas” ou um “Roteiro para o Treinamento de Militâncias e Organização das Massas” (as expressões entre aspas neste parágrafo não são akedianas – tratam-se de impressões de leitura coletadas de terceiros, cujas fontes se perderam pelos ambientes virtuais de reedições da obra).

Não é igualmente contraditório dizer que os ativistas e militantes devem acatar a liderança daqueles que seriam os mais impactados pelas suas intervenções criativas: “Aceitar a liderança dos mais impactados é uma ótima oportunidade para aprender e para apoiar grupos impactados em suas lutas” (Trecho do “PRINCÍPIO: Aceite a liderança dos mais impactados”), se, ao mesmo tempo ignoram que são justamente os Empresários, os Liberais e os Conservadores os alvos do calote às dívidas, da interrupção do expediente comercial, da cessação de lucros em função de greves, que terão o patrimônio vandalizado em quebraadeiras e pichações etc.?:

Conhecemos bem a arrogância dos benfeitores liberais — aquela que se origina do luxo de poder escolher dentre um cardápio de causas, pois nenhuma delas afeta diretamente sua vida, ou de achar que por ter estudado um assunto na universidade, é um especialista. Evite ser essa pessoa: cultive a humildade e aceite ser guiado e liderado por

aqueles que serão os maiores afetados por um assunto (PRINCÍPIO: Aceite a liderança dos mais impactados).

Não seria o caso de o ativismo aceitar a liderança dos Empresários, os Liberais e os Conservadores, já que estes seriam, em tese, os mais impactados por muitas de suas ações?

Como exemplo da didática deturpada e perigosa que nas entrelinhas de tais páginas se reverbera, e para compreendermos a dimensão que tudo isso pode assumir, convém revisitarmos os postulados da “Ruckus Society” (fundada por Mike Roselle e Twilly Canno, no Oregon – EUA, em 1995).

Em nome de pautas antibelicistas, ambientais e humanitárias, esta instituição treina, organiza e promove atos de militância, às vezes, até, com nuances de guerrilha urbana e com estímulo à desordem.

No Brasil, a *Escola de Ativismo*, regida pela premissa “sem lideranças ou hierarquias fixas”, filosoficamente ecoa tais fundamentos, o que na *Bela Baderna* também se recomenda:

Se somos parte de um grupo que se gaba de não ter líderes, os participantes podem hesitar muito em se prontificarem a tomar iniciativa, por medo de serem vistos como um “líder”, o que seria uma coisa mal vista. Se queremos realmente mudar o mundo, precisamos de mais pessoas se prontificando a tomar iniciativa, e não menos. Quanto mais iniciativa cada um de nós tomar em nosso trabalho conjunto, maior será nossa capacidade coletiva. Construir nosso poder coletivo é um dos desafios mais importantes da organização de movimentos (Fragmento do “PRINCÍPIO: Somos todos líderes”).

Contudo, o que não se leva em conta é que, uma vez, aquela parte da sociedade não tendo exatamente a quem se reportar, caso alguém se sinta ofendido, incomodado ou sofrido algum dano, lança

as ações ativistas a um sensível território de ilegalidade. Isto é, ao utilizarem-se abertamente do “anonimato”, que, no Brasil, é inconstitucional – <https://escoladeativismo.org.br/escola/>), a *Escola de Ativismo* não só age contra a Lei brasileira, como também repercute digitalmente, desde 2011, os fundamentos de treinamento e de organização de eventos da “Ruckus Society”, organismo que atua assim, desde 2011.

Na mesma senda, difunde-se, a partir de 2012, outros ditames descritos na *Bela Baderna*: “Ninguém e todo mundo está no comando. É uma ‘coincidência organizada’. E funciona” (Fragmento do “PRINCÍPIO: Regras simples podem levar a ótimos resultados”).

Neste sentido, é de se depreender, afinal, que o anonimato de grupos como o “**Anonymous**” (citado, na *Bela Baderna*, como “modelo de sucesso, no tópico “TEORIA: Zonas autônomas temporárias (ZAT)”, parece ser premissa de grande valor para os baderneiros, e uma das ferramentas de ativismo mais úteis:

Na sua forma inicial, o conceito tem sido adotado por uma comunidade online descentralizada, atuando de forma anônima, de maneira coordenada, geralmente em torno de um objetivo livremente combinado entre si e voltado principalmente a favor dos direitos do povo perante seus governantes. A partir de 2008, o coletivo Anonymous ficou cada vez mais associado ao hacktivismo [...] (Definição do grupo Anonymous, retirada da WIKIPEDIA).

Nesta mesma genealogia de enfrentamentos, registramos o nascimento de organismos de informação e de contrainformação, como o “Sleeping Giant”, nos EUA (depois na vitória de Donald Trump, em 2016, o publicitário Matt Rivitz organizou uma ofensiva em redes sociais, com o intuito de bloquear o potente avanço de

iniciativas de comunicação conservadoras de pessoas físicas e jurídicas.

Fato, é que esta iniciativa deu azo ao que viemos a conhecer, pouco tempo depois, como sendo a “Era dos Cancelamentos” que varreu os sistemas de propaganda de empresas, a monetização de youtubers e a remuneração de trabalhadores digitais das redes sociais no Brasil.

No Brasil, inclusive, ao largo desses aparatos de rebeldia quase ditatorial, tivemos a criação dos chamados “MAVs” (núcleos de Militância em Ambientes Virtuais) e o “Manual do Tuiteiro Petista”, iniciativas do Partido dos Trabalhadores (PT) que remontam ao ano de 2012, e que, se não motivadas pelas linhas de Beautitul Trouble, ao menos coincidem com a publicação de *Bela Baderna*, quando ainda em inglês, constituindo-se, os MAVs, em veículo de repercussão importante dos preceitos baderneiros previstos naquela obra.

O ápice dessa militância digital do PT, contudo, pode ter se materializado, anos depois das “MAVs”, na fala de um dos petistas mais proeminentes, José Dirceu, quando este declarou como, por detrás das cortinas, pensaria a nata do lulopetismo mais radical (depois, houve nova matéria, em que Dirceu disse “ter sido infeliz” em sua declaração – mais, aís, já era tarde demais: “É uma questão de tempo pra gente tomar o poder. Aí, nós vamos tomar o poder, que é diferente de ganhar uma eleição” (Entrevista cedida a Marina Rossi, em Recife – PE, 26/09/2018. *El País Brasil*: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/24/politica/1537815456_213002.html).

E, é claro, na *Bela Baderna*, há num dos capítulos, uma dessas “coincidências organizadas”, em que esse roteiro radical pode ter se inspirado:

O poder não vem apenas da capacidade de usar a força daqueles que comandam, mas, também, do consentimento e da cooperação daqueles que são comandados, elementos que podem ser voluntariamente e não-violentamente retirados, ao identificar, expor e enfraquecer os “pilares de apoio” de quem comanda — as instituições e organizações que sustentam esse poder (Fragmento do trecho “TEORIA: Pilares de apoio”).

E não são apenas estes. Diversos outros grupamentos e organismos multilaterais se dispuseram ao mesmo *modus operandi*. Por exemplo, o “Black Lives Matter” (movimento ativista marxista internacional, fundado em 2013), cujo início se deu após a absolvição de George Zimmerman, acusado pela morte de Trayvon Martin.

Outro, o “Black Bloc”, embora originado na Alemanha, em 1980, tendo passado a atuar no Brasil, em 2000, ganhou visibilidade no país somente em 2013, ao participar de enfrentamentos públicos com a polícia, se infiltrando em movimentos pacíficos, praticando vandalismo e violência. E isso não para por aqui.

Tudo isto nos parece, de algum modo, convergir para a ideologia de estruturas multilaterais, como o “Global Shapers Community” (GSC). Este, por sua vez, outro destes mecanismos multilaterais regidos por propósitos obscuros, fundado pelo presidente executivo do Fórum Econômico Mundial, o Professor Klaus Schwab, em 2011.

Dentre as controversas pautas do “Global Shapers Community”, estão acabar com as religiões, com a Soberania das Nações e com a propriedade privada e, para alcançar esse alvo, dizem, é necessário o estabelecimento de “causas globais”, como a da solidariedade entre os homens, a não ingestão de carne e a alimentação por meio de insetos, o fim da desigualdade social, adesão às políticas de gênero, às pautas identitárias e o combate às mudanças climáticas.

Outra destas instituições que se levantam silenciosamente nas coxias de algum obscurantismo, é a “Open Society Foundation” (OSF). A “OSF” é mantida pelo excêntrico multimilionário húngaro-estadunidense, George Soros. Esta instituição angaria fama, tanto pelo volume da filantropia positiva à qual se vincula, quanto pelas suspeitas negativas e ou conspiratórias às quais são associados os seus “investimentos”.

Dentre seus empenhos de recursos, estariam o financiamento do extremista brasileiro, Jean Wyllys, pago para estudar “fake news”, em Harvard; o financiamento da “ONG Asuntos Del Sur”, a qual é responsável, na Argentina, pela “Academia de Innovación Política”, entidade coordenada pela extremista Antonella Perini; a participação no financiamento da “ONG Anis Bioética”, cuja principal integrante é a ultra feminista e opositora feroz de Bolsonaro, Débora Diniz (ela é uma das mais conhecidas ativistas e defensoras da morte de nascituros).

A “OSF” também patrocina o Fundo Marielle Franco, que tem se dedicado a ações de doutrinação para novas lideranças políticas de extrema esquerda. Além disso, a “OSF” contribui com o funcionamento do “Fact-Checking”, organismo atuante no Brasil,

responsável pela censura e perseguição de certas ideias na internet.

Sob a batuta financeira de Soros, ainda estão a “ONG Avaaz.org”, por meio da qual, Alessandra Orofino (Economista, mobilizadora, cofundadora do “Meu Rio”, colunista do jornal *Folha de S. Paulo* e diretora geral do Programa Greg News), fundou a “Purpose NY” (entidade ligada ao ativista Jeremy Heimans), alimentando, por aqui, atos que representam o esforço de adesão de grandes fortunas globais para a mudança social sutil, por meio de permanente propaganda de ideias globalistas e de incentivo ao hacktivismo.

CONCLUSÕES

Portanto, vejam que não foi à toa, que Shwab publicou, em 2020, o interessantíssimo livro, intitulado “*The Great Reset – what's behind the pandemic that disrupts the world*” (*O Grande Recomeço – o que está por detrás da pandemia de COVID-19*). Aqui na *Bela Baderna*, escutamos o solene eco de todas as causas que estes movimentos todos defendem, e vemos nas cores de todas as bandeiras a ira que hasteiam:

Dada a urgência de confrontar as “grandes questões” — como o poder das corporações, a militarização e a destruição ambiental — o patriarcado e o sexismo dentro de nossos grupos geralmente permanecem deixados de lado. Alguns aliados do sexo masculino sentem que são incapazes de serem machistas; mas simplesmente acreditar na igualdade de gênero não apaga os privilégios masculinos. Se quisermos desafiar o patriarcado, nós precisamos entender como nossas ações e suposições são influenciadas pela

predominância do sexismo em nossa consciência e nas relações sociais. [...] Acabar com o patriarcado não é apenas uma responsabilidade coletiva — trata-se, em última análise, do crescimento pessoal e interpessoal e da libertação coletiva (Tópico: “PRINCÍPIO: Desafie o patriarcado ao se organizar”).

Neste contexto, vemos que, num dos tópicos da *Bela Baderna* que se tem conformado em torno da posologia da bagunça, temos uma pérola do controverso bom senso que os autores de *Bela Baderna* evocam para si próprios, e que pode soar ao ouvido dos leitores mais radicais da militância e do ativismo, como uma espécie de salvo conduto moral, verdadeira salvaguarda para que ajam sem restrições:

Uma estrutura de ação direta não-violenta estratégica faz com que rejeitar a provocação seja mais fácil. Nós sabemos com o que concordamos — e qualquer um que estimule outras maneiras de agir pode ser lembrado do que foi acordado, ou pode ser rejeitado (Tópico: TÁTICA: Não-violência estratégica).

Contudo, ao contrário disso que eles próprios destacam na citação acima, o tema do livro em sua totalidade nos parece ser um suicídio jurídico para quem vier a protagonizar o grosso dos atos “ensinados”, visto que a bússola dos caminhos sugeridos, como um todo, ruma às ilegalidades executáveis frente ao Estado e para com os demais membros da sociedade organizada, ainda que pretensamente pacíficas:

Nos organizamos abertamente, sem medo, porque acreditamos em nossas ações. Pode ser que violemos alguma Lei para seguir as Leis superiores da consciência. Não buscamos punição, nem aceitamos o direito do sistema de nos punir, mas encaramos as possíveis consequências de nossas ações com coragem e orgulho (Trecho do tópico “TÁTICA: Não-violência estratégica”).

E é assim, na entrelinha dessas ambiguidades, que coloca o certo e o errado no mesmo nível de igualdade, que nos pareceu que a obra, em primeiro lugar, subverteu a si mesma, ao transformar a joia científica que lhe havia intrínseca (e que seria o fato mais relevante a ser dela abstraído), em acessório vulgar de loja de bijuterias (que é a versão, a narrativa que deles se tem feito difundir):

Conduza com histórias, não fatos. Fatos raramente falam por si. Apesar da precisão factual da sua mensagem ser essencial, fatos devem servir apenas como detalhes de apoio para a história, e não como gancho que torna a história cativante (Fragmento do “PRINCÍPIO: Mostre, não conte”).

Tudo o que a *Bela Baderna* poderia ser e significar para a produção e difusão do conhecimento científico, a teria feito repousar sobre os fatos, dos quais, aliás, a obra deliberadamente abdicou em nome de uma intencional proposta de adesão às narrativas:

Por mais que queiramos acreditar que os seres humanos sejam atores racionais, que tomem decisões baseadas em uma consideração sóbria dos fatos, a ciência cognitiva nos lembra que somos animais narrativos, que captam o mundo por meio de histórias. Nós tomamos decisões mais com nosso instinto do que com nossa cabeça, e os fatos, sozinhos, raramente são suficientes para mover a opinião pública. Por isso, os atores sociais estão constantemente travando uma “batalha de histórias” para moldar a percepção do público (Fragmento do “PRINCÍPIO: Pense narrativamente).

Mas, a pergunta que ainda precisa de resposta, é a de que se haveria outro propósito na *Bela Baderna*, que não o de propagar narrativas para “moldar” a sociedade e o mundo à sua imagem desfocada e à semelhança de suas débeis relativizações.

Se a resposta para isto for um “sim”, este propósito pode ter ficado modestamente escondido no livro, envergonhado e abrigado atrás de algumas verdades que deturpou: “Expor problemas antes escondidos, pode ser o primeiro e mais importante passo para resolvê-los” (Tópico: “PRINCÍPIO: Torne visível o que é invisível”). Ou ainda, num fragmento do Capítulo que talvez seja o de maior “lucidez”, em *Bela Baderna*:

Grupos ativistas, por vezes, cometem o erro de presumir que a opressão (o exercício injusto de poder ou autoridade) é algo que apenas os outros fazem; que nós somos inerentemente antiopressores, só por causa da nossa intenção de acabar com as estruturas opressivas. Infelizmente, a situação é muito mais complexa e ignoramos essa complexidade, por nossa conta e risco (Fragmento do tópico “TEORIA: Antiopressão”).

Este, portanto, poderia ter sido o fio condutor geral do livro, ou ainda até possa ser o seu maior mérito – propor uma autocrítica aos movimentos sociais e projetar luzes no contorno esquizofrênico que fazem ao redor dos fatos – isto serviria para a *Bela Baderna*, para a *Escola de Ativismo*, para o *Sleeping Giants*, para a *Ruckus Society*, para a *OSF*, para o *PT*, para a *GSC* e para todos os *Soros*, *Dirceus* e *Orofinos* que estiverem por aí.

Porém, convém lembrar: “Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!” (Bíblia: Livro de “Mateus”, 18:7) – e *Beautiful Trouble* não se tornou exceção ao provérbio descrito. Ai dessa obra, pois, por meio dela, muitos escândalos vieram à tona!

E, em última análise, em detrimento desse eventual mérito que o livro teria, o conjunto da obra erra, ao propor a transgressão

no atacado, como estratégia para o restabelecimento do equilíbrio sociopolítico no varejo. Como revolucionária, deveria propor o roteiro inverso: transgredir no varejo, propondo uma nova arquitetura no atacado – receita básica de uma Revolução.

Mas, como o paradoxo é a pedra filosofal da obra:

Uma cultura que valoriza a liderança saudável também premia a responsabilidade, na qual todos somos responsáveis uns pelos outros. Mas, esse foco na responsabilidade deve andar lado a lado com uma cultura de grupo que valorize a liderança. Caso contrário, podemos desenvolver uma mentalidade de “fogo amigo”, na qual gastamos nossa energia podando os outros por tomar a iniciativa (Fragmento do trecho “PRINCÍPIO: Somos todos líderes).

Ora, veja-se que, se o que vimos, ao longo de nossa análise, foi a insistência, amplamente documentada, no ensino de uma conduta em que os autores de *Bela Baderna* evidenciaram o repúdio à responsabilidade e à liderança, como, então, será possível, que militantes e ativistas construam uma “cultura que valorize a liderança saudável”, e que “também premiem a responsabilidade”, se estes são dois argumentos que eles rejeitam?

Desse modo, quer seja pelo teor dos paradoxos e do conjunto controverso do conteúdo que veicula, quer seja pelo viés dos desconfortos que pode provocar, este *Beautitul Trouble* traduzido, resumido e multi-subvertido, se torna, aqui nas mãos akedianas, ele próprio, agente e vítima da subversão que a *Bela Baderna*, em todas as suas versões, preconiza.

OBS.: As **REFERÊNCIAS** do Artigo já foram apresentadas no transcurso do *paper*.

O MITO NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA E SUA PRESENÇA NO PENSAMENTO DE FREUD

Este artigo é dedicado, com imensa gratidão, à teóloga e psicóloga Célia Gil Pereira, pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, de Salvador – BA

English Title: MYTH FROM THE PERSPECTIVE OF PHILOSOPHY AND ITS PRESENCE IN FREUD'S THOUGHT

[doi> 10.33726/akdpapers2447-7656v13a82022p41-55](https://doi.org/10.33726/akdpapers2447-7656v13a82022p41-55)

CARVALHO, Isaar Soares de¹

RESUMO: O presente trabalho trata de investigar nuances teóricas entre os conceitos de mito e suas aplicações ao aparato sociocultural contemporâneo. Por meio de uma revisão bibliográfica, propomos um contraponto do pensamento de Freud junto aos escritos de Russel, Hegel, Cassirer, Platão e outros, a fim de trazermos clareza ao tema, ao mesmo tempo em que enriquecendo o debate que aqui se instaura. Justifica nossa investigação, a necessidade de dar substância aos discursos que entrecruzam os elementos míticos e psíquicos aos formadores da sociedade. Como resultados preliminares de nossas leituras, vimos que, além de onipresente em nossa história social e cultural, o mito e seus ritos, por serem atemporais, interpenetram-se em todas as consciências e contribuem para o fortalecimento da compreensão dos fatos humanos na terra.

PALAVRAS-CHAVE: Mito, Cultura, Sociedade, Psiquismo, Filosofia

ABSTRACT: The present work deals with investigating theoretical nuances between the concepts of myth and its applications to the contemporary sociocultural apparatus. Through a bibliographic review, we propose a counterpoint of Freud's thought with the writings of Russell, Hegel, Cassirer, Plato and others, in order to bring clarity to the theme, while enriching the debate that is established here. Justifies our investigation, the need to give substance to the discourses that intertwine the mythical and psychic elements to the formators of society. As preliminary results of our readings, we saw that, in addition to being omnipresent in our social and Philosophy cultural history, the myth and its rites, because they are timeless, interpenetrate all consciences and contribute to the strengthening of the understanding of human facts on earth.

KEYWORDS: Myth, Culture, Society, Psychism, Philosophy

¹ Doutor em Filosofia pela UNICAMP. Pós-Doutor em Letras pela USP. Docente do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da UEMG, Unidade Frutal.

INTRODUÇÃO

Nosso propósito no presente trabalho é discorrer sobre o conceito de mito, o qual pode ser entendido como forma de interpretação da realidade, mas, também, como elemento formador da mentalidade dos mais diferentes povos.

Então, neste sentido, o mito é postulado que colabora para a construção de um determinado sentido da vida em geral e, ao mesmo tempo, exerce uma forma de alienação dessa mesma realidade a qual se propõe a exprimir.

Num segundo momento, abordaremos a leitura que Ernst Cassirer fez da obra *Totem e Tabu*, de Sigmund Freud, a qual aborda o mito em uma perspectiva não só sociológica, mas, também, psicanalítica, associando o próprio sacrifício de Cristo à culpa dos irmãos que mataram o pai primevo.

Devido à nossa labuta especialmente nas áreas de Filosofia, Ética e Filosofia Política, não pudemos fazer uma abordagem específica sobre o pensamento de Jacques Lacan, com o qual mantivemos contato durante um Curso.

Esperamos, porém, que a presente abordagem do fenômeno do mito, a qual se baseia principalmente na Filosofia Antiga, em Francis Bacon e em Cassirer, possa contribuir suficientemente para o estabelecimento de um diálogo com o pensamento de Freud.

1 – A IMPORTÂNCIA E OS LIMITES DO MITO

O mito é interpretado por Ernst Cassirer, como uma das formas simbólicas ou da cultura. Mesmo que, diante da Filosofia, o mito possa ser visto como uma interpretação da realidade carente de rigor e de demonstração, é possível que ele alcance, porém, a verossimilhança.

A verdade, porém, pertenceria “aos produtos genuínos do intelecto”². Platão afirma, também, que em determinados campos do conhecimento, a verossimilhança “é a única validade a que o discurso humano pode aspirar e, em outros, expressa o que de melhor e mais verdadeiro se pode encontrar”³.

Outro aspecto relevante do mito, de acordo com Platão, consiste no fato de que, como uma forma do discurso, ele pode tornar-se um recurso para a persuasão, pois trata de temas que se situam “além do círculo estrito do pensamento racional, na qual só é lícito aventurar-se com suposições verossímeis”⁴.

Por outro lado, apesar de valorizar o mito como recurso pedagógico e persuasivo, Sócrates aprecia, acima de tudo, o conhecimento do Homem em geral, e de si mesmo em particular, chegando a considerar o mito como um discurso incerto e sem fundamentos seguros. É o que se mostra com evidência no seguinte trecho, do “Diálogo Fedro”, no qual o discípulo que dá nome ao texto pergunta ao mestre:

Diz-me, Sócrates, não é verdade que foi aqui, nas margens do Ilisso, que Bóreas raptou Orítia? Ou foi na colina de Ares? De facto, a lenda corre também com esta versão, que foi ali e não aqui, que ela foi raptada⁵.

Ao que Sócrates responde: “Por mim, caro Fedro, qualquer uma dessas explicações tem a sua validade, mas, para isso, torna-se necessário muito génio, muito trabalho e aplicação, e não encontramos nisso a felicidade”⁶. E acrescenta ainda o mestre de Atenas:

² ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, verbete “Mito”, in: (marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf), acesso: 05/08/21.

³ ABBAGNANO, Nicola, idem.

⁴ ABBAGNANO, Nicola, idem.

⁵ PLATÃO, *Fedro ou da Beleza*. Lisboa: Guimarães Editores, 2000, p. 14.

⁶ PLATÃO, idem, p. 14-15.

Se, por incredulidade, se conceder a cada uma dessas figuras a medida da verossimilhança, fazendo uso, para tanto, de não sei que grosseira sabedoria, nem sequer teremos um momento de ócio. Ora, eu não dedico meu ócio a explicações desse gênero, e fica sabendo por que motivo: ainda não consegui, até agora, conhecer-me a mim mesmo; por isso, vejo quanto seria ridículo, eu, que não tenho o conhecimento de mim mesmo, me dedicasse a estudar coisas que me são estranhas. Em vista disso, dou a esses mitos a importância que merecem e, quanto ao seu tema, limito-me a seguir a tradição. Digo-o a todo o momento: não são as lendas que investigo, é a mim mesmo⁷.

Sócrates, que fora acusado por seus opositores de corromper a juventude e de não venerar os deuses da cidade, ao afirmar que seguia a tradição, e que em relação a essas narrativas, como ele se limitava a seguir a tradição, para ele os mitos eram indignos de crédito. Esse ceticismo de Sócrates em relação aos mitos e à própria piedade está presente também no intitulado “Diálogo Eutífron”, no qual a justiça e a piedade são discutidas por Sócrates com o jovem discípulo.

Mostra-se nesse breve, porém profundo e inquietante colóquio, que o senso de justiça de Eutífron era tão alto que ele se dirigiu às autoridades de Atenas para denunciar seu próprio pai, o qual, para castigar um escravo, o lançou dentro de um poço, o que provocou a sua morte. Mesmo que seu pai alegasse que não quisera matar o escravo, ele provocou a sua morte. Assim, um filho soube distinguir entre o sentimento filial e o respeito aos direitos estabelecidos, sendo imparcial e denunciando o próprio pai.

No mesmo texto, Platão inclui uma discussão a respeito do que seria a piedade. Para Eutífron, a piedade consiste em venerar os deuses, ao que Sócrates lhe pergunta se, pelo fato de haverem muitos deuses, alguém, ao venerar a um deles, não deixaria de venerar a outros, incorrendo, assim, na impiedade.

⁷ PLATÃO, *idem*, p. 16-17.

Diante de tal dilema, o jovem afirma sinceramente não saber o que responder. Sócrates avança na discussão e pergunta ao jovem, então, em que consiste a piedade, ao que ele também responde que não sabe.

Esse limite em relação ao conhecimento é comum a todos os seres humanos, pois pouco sabemos a respeito de muita coisa, de tal modo que a afirmação “só sei que nada sei”, atribuída a Sócrates, tem o seu lugar, ainda que seja uma hipérbole, pois no fim das contas, o que ignoramos é infinitamente superior ao que sabemos.

No entanto, apesar de discorrermos sobre as mais diversas realidades, o nosso conhecimento rigoroso limita-se a uma pequena parte da realidade, principalmente devido à multiplicação do conhecimento.

2 – OS ÍDOLOS E A FINITUDE DA FILOSOFIA

Os limites do conhecimento e a presença do mito na interpretação da realidade foram descritos de forma singular por Francis Bacon. No *Novum Organum*, Bacon expôs uma teoria do conhecimento que demonstrava os erros presentes, não só em relação ao saber de sua época, mas também em relação a todos os seres humanos. As concepções imprecisas que impedem o conhecimento da verdade e o progresso da ciência foram, por ele, chamadas de ídolos, os quais expomos a seguir.

Os primeiros, chamados de “ídolos da tribo”, dizem respeito aos erros causados pela natureza humana, por uma espécie de antropocentrismo que sujeita todas as coisas às medidas dos seres humanos⁸.

Os segundos, chamados de “ídolos da caverna”, dizem respeito aos erros causados pela centralização do indivíduo em si mesmo, isto é,

⁸Jean-Pierre CHRETIEN-GONI, in: D. Huisman (ed.), *Dictionnaire des Philosophes*, 1984, p. 198.

numa visão de mundo subjetivista, a qual se constitui, também, numa forma de dogmatismo.

Pelos terceiros, os chamados “ídolos do mercado”, Bacon se referia às falsas impressões causadas pelas palavras, especialmente devido às más definições e aos equívocos, o que resulta em discursos carentes de rigor e de clareza ⁹.

Em quarto lugar, Bacon se refere aos chamados “ídolos do teatro”, que dizem respeito aos sistemas filosóficos que não passam de meras representações, mas que, porém, adquirem renome devido ao fascínio que provocam no público, assemelhando-se às personagens construídas de acordo com os interesses dos escritores, as quais, no entanto, parecem ser reais e exercem influência sobre o público.

Em quinto lugar, há também os chamados “ídolos das escolas”, os quais consistem em buscar a validação de determinados argumentos ou conceitos, fazendo-se referência a uma grande autoridade da Filosofia, ou mesmo da Teologia, o que era comum na Idade Média, de forma especial na *Suma Teológica*, obra na qual Santo Tomás refere-se a Aristóteles, chamando-o de “o filósofo”, procurando, com isso, alcançar a adesão do público aos seus argumentos.

De forma sintética e didática, assim resume Bertrand Russell o conjunto de ídolos denunciados por Francis Bacon:

Uma das partes mais famosas da filosofia de Bacon, é a sua enumeração do que ele chama ídolos, querendo significar os maus hábitos de espírito que fazem com que as pessoas caiam em erro. Destes, enumera cinco classes. Ídolos da tribo, são os inerentes à natureza humana; refere-se, em particular, ao hábito de esperar mais ordem nos fenômenos naturais do que a que realmente pode ser encontrada. Ídolos da caverna, são os prejuízos pessoais, característicos do investigador particular. Ídolos do mercado, são os que se relacionam com a tirania das palavras e com a dificuldade de escapar-se de sua influência sobre nosso espírito. Ídolos do teatro, são os que dizem respeito aos sistemas de pensamento recebidos; destes, naturalmente, os exemplos mais dignos de nota, são os proporcionados

⁹ De acordo com Cassirer, são estes os que possibilitam os mitos políticos.

por Aristóteles e os escolásticos. Por último, há os ídolos das escolas, que consistem em pensar-se que alguma regra cega (tal como o silogismo) pode ocupar o lugar do juízo pessoal na investigação ¹⁰.

Muitos foram os que, pelo desejo de criar sistemas filosóficos, impediram a chegada da verdadeira Ciência. Assim, o entendimento humano pode ser comparado a um espelho que desfigura a realidade, o que se constitui em uma metáfora, para afirmar que vários aparentes sistemas filosóficos não passavam de mitos.

É digno de nota que, em relação ao caráter efêmero das próprias escolas filosóficas, Hegel afirmou:

Toda filosofia nova sustenta que todas as outras de nada valem; toda filosofia se ergue com a pretensão não somente de refutar as filosofias precedentes, mas de corrigir além disso os defeitos e de suprir as imperfeições delas e de ter encontrado finalmente a verdade. Mas, à base da precedente experiência, acontece que se podem aplicar também a tal filosofia as palavras da Escritura que o apóstolo Pedro dirige à mulher de Ananias: Os pés dos que sepultaram o teu marido, estilo ali à porta, para te levarem a enterrar. A filosofia destinada a refutar e substituir a tua mão não se fará esperar por muito tempo, como não se fez esperar para as outras ¹¹.

Por outro lado, apesar do dogmatismo expresso pela Igreja ao longo dos séculos, é digno de nota que Santo Tomás tenha apresentado um argumento impressionante sobre o que seria a idolatria, afirmando que não podemos conhecer a essência de Deus, mas falamos dele apenas por analogia. São estas, pois, as suas palavras:

Não podemos, nesta vida, conhecer a essência de Deus, tal como ela é em si mesma; mas a conhecemos enquanto representada nas

¹⁰ Bertrand RUSSEL. *História da Filosofia Ocidental. Livro III: A Filosofia Moderna*. (<https://www.docdroid.net/grgOcbh/russell-bertrand-historia-da-filosofia-ocidental-bertrand-russell-pdf>), acesso em 08-08-2021.

¹¹ G. W. F. HEGEL, *Introdução à História da Filosofia*, p. 339. S. Paulo: Abril, 1974 (<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/introduc3a7c3a30-a-historia-da-filosofia.pdf>). O texto bíblico citado por Hegel encontra-se em Atos dos Apóstolos, capítulo 5:9.

perfeições das criaturas, e assim é que os nomes que impomos significam ¹².

E acrescenta:

Nem o católico nem o pagão conhecem a natureza de Deus como ela é em si mesma. Quando o gentio usa o nome de Deus dizendo um ídolo é Deus, pode tomá-lo na mesma significação em que o toma o católico quando diz um ídolo não é Deus ¹³.

Antecipando, assim, teses que hoje são bem conhecidas na área da Filosofia da Cultura, construindo um argumento que atualmente pode ser relevante em relação à questão da tolerância.

3 – O MITO E A VIDA EMOCIONAL NO PENSAMENTO DE FREUD

De acordo com Ernst Cassirer, para Freud, “a única pista para o mundo mítico devia ser procurada na vida emocional do homem”. O conceito de inconsciente evidenciou que o mecanismo das emoções não deve ser reduzido aos fenômenos conscientes, de tal modo, que a vida psíquica não se reduz ao consciente, o qual “é apenas um pequeno e esquivo fragmento da vida psíquica; não pode revelar, antes, mascara e dissimula a sua essência” ¹⁴.

Em relação ao sistema totêmico, essa teoria das emoções é básica para a afirmação de Freud, de que sua “única origem foi o terror sentido pelo selvagem em relação ao incesto” ¹⁵. Cassirer observa que Freud ignorara observações de antropólogos, inclusive de Frazer, que demonstraram que “o totemismo e a exogamia são instituições realmente distantes e independentes, embora se conjuguem amiúde” ¹⁶. Frazer cita

¹² SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, Q. 13, Art. II, Resposta à Terceira Objeção. Trad. de Alexandre Correia. S. Paulo: Abril, 1973, p. 112. (Os Pensadores).

¹³ Idem, Art. X, Resposta à Quinta Objeção, p. 125.

¹⁴ Ernst CASSIRER, *O Mito do Estado*, p. 47.

¹⁵ Idem, *ibid*, p. 49.

¹⁶ Idem, *ibid*.

como exemplo, o costume dos Arunta, entre os quais a vida era “determinada pelo sistema totêmico, mas este não tinha qualquer efeito sobre o casamento”¹⁷.

Até Frazer, a origem da exogamia e da lei do incesto permaneciam incertas. Freud deixara isso de lado e se ativera ao fato da coincidência entre os mandamentos de não matar o animal totêmico e não manter relações sexuais com mulheres do mesmo totem e com os dois crimes de Édipo e os dois desejos primários da criança¹⁸.

De acordo com Freud, os dois tabus remontam a uma horda primeva, a qual era dominada por um pai, que reservava para si mesmo a posse de todas as mulheres, tanto das que já eram mães quanto das mais jovens.

Conforme iam crescendo, os filhos eram expulsos da horda pelo pai. Tal tipo de associação, que para Freud teria sido a primeira, foi abolido quando os irmãos que foram expulsos da horda uniram-se contra o pai e o mataram, comendo depois a sua carne.

A exogamia teria sido uma consequência dessa união entre os irmãos, os quais, por um lado, se uniram, com a finalidade de matar o pai e, por outro lado, ao desposar as mulheres, eles se separaram, o que, mostra de acordo com Freud, que “a necessidade sexual, longe de unir os homens, separa-os. Se os irmãos se uniram para eliminar o pai, converteu-se cada um em rival do outro, em se tratando das mulheres”, e devido à necessidade de uma nova organização da vida em grupo, em substituição à organização anterior, da horda primeva, foi instituída a proibição do incesto¹⁹.

Para Freud, o animal totêmico era visto, pelos primitivos, como um substituto do pai, e o que os levou a estabelecer a proibição de matar a

¹⁷ Idem, *ibid.*

¹⁸ Os dois crimes de Édipo teriam sido o assassinato de seu próprio pai e seu casamento com a própria mãe.

¹⁹ Sigmund FREUD, *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro, Delta, s/d, p. 218.

esse animal, foi o arrependimento por terem matado ao próprio pai. Mostrava-se nisso o sentimento de afeto pelo pai – o qual existia ao mesmo tempo em que o medo dele e a vontade de matá-lo – e que se manifestara após o seu assassinato.

Em relação a essa dualidade, Freud afirma que as refeições totêmicas poderiam ser uma rememoração do pai e de sua morte e que, com elas, tiveram início “as organizações sociais, as restrições morais e a religião” ²⁰.

A analogia com a psicologia do neurótico é proposta por Freud da seguinte forma: ao desejo dos irmãos de matar o grande pai corresponde o desejo recalçado do complexo de Édipo de matar o pai; ao arrependimento posterior, manifesto na proibição de matar o animal totêmico, correspondem os sentimentos carinhosos e de admiração diante do poderio do pai.

Tais sentimentos apareceriam como uma compensação pela morte do pai e corresponderiam, em última análise, ao que se conhece na Psicanálise como obediência retrospectiva ²¹.

Ao mesmo tempo, a proibição do incesto, que é vista como renúncia aos frutos do ato de ter matado o pai, também está inserida nessa forma de obediência. A presença do pai torna-se, então, mais intensa do que na época em que ele se encontrava vivo.

O que Freud considera como os dois tabus fundamentais do totemismo, foram criados a partir da consciência da culpa do filho e, “por isso mesmo, tinham de coincidir com os dois desejos recalçados do complexo de Édipo” ²².

Enquanto o tabu da proibição do incesto teria importantes consequências para a organização social, o tabu da proibição do

²⁰ Idem, p. 216.

²¹ Idem, p. 217.

²² S. FREUD, idem, p. 218.

sacrifício do animal totêmico pode ser considerado como uma aspiração do totemismo a ser a primeira tentativa de religião, a qual se caracterizaria pela demonstração de arrependimento e por um contrato com o grande pai, o qual “prometia tudo quanto a imaginação infantil pode esperar de um pai, enquanto os fiéis se obrigavam a respeitar-lhe a vida, isto é, a não repetir o ato pelo qual sucumbira o verdadeiro pai”²³.

Numa espécie de progresso moral, os irmãos passam a evitar entre si, o mesmo fim que deram ao pai e, “à proibição religiosa de matar o totem, acrescenta-se a proibição de matar o irmão”²⁴.

Por outro lado, Freud afirma que há uma “conexão e uma origem simultânea no totemismo e na exogamia”²⁵. Para Freud, a sociedade, a moral e a religião têm no totemismo uma origem comum.

Afirma ainda Freud que é possível que a religião totêmica seja análoga, em relação à sua motivação, a quem sabe todas as neuroses. Tal motivação residiria, segundo Freud, nos “dois desejos primários da criança, cuja repressão insuficiente ou cuja reativação constitui o núcleo de talvez todas as neuroses”²⁶.

A hipótese de Freud procurava alcançar não só a religião totêmica, mas também outras religiões, pois ele afirma que “os primeiros desejos da criança aparecem, muitas vezes, sob os mais curiosos disfarces e inversões, na formação de quase todas as religiões”²⁷.

De acordo com Cassirer, Freud incorre no mesmo erro de teóricos naturalistas do Mito, que procuravam reduzi-lo a um único motivo. Apesar de serem obsoletas em relação a modernos métodos psicanalíticos, as interpretações naturalistas apresentam uma mesma tendência, a de ter uma visão reducionista do Mito.

²³ Idem, p. 218s.

²⁴ Idem, p. 220.

²⁵ Idem, p. 221.

²⁶ E. CASSIRER, *O Mito do Estado*, p. 49.

²⁷ E. CASSIRER, *idem*, p. 50.

Enquanto entre os naturalistas reduzia-se a imaginação mítica ao sol, à lua, às estrelas, ao vento e às nuvens, Freud reduziu-a à vida sexual do homem, afirmando:

Desde as idades pré-históricas até aos nossos dias o homem foi sempre dominado por dois desejos fundamentais. O desejo de matar o próprio pai e de copular com a própria mãe aparece no alvorecer da raça humana, sob os mais estranhos disfarces, na vida individual de cada criança ²⁸.

Para Cassirer, porém, além dessa interpretação ser reducionista, o que importa não é tanto conhecer a “mera substância do mito, mas, antes, a sua função na vida cultural e social do homem” ²⁹.

Nesse sentido, Émile Durkheim afirma:

O verdadeiro modelo do mito não é a natureza, mas a sociedade. Todos os seus motivos fundamentais são projeções da vida social do homem, mediante as quais a natureza se torna a imagem do mundo social; reflete-lhe todos os traços fundamentais, a organização e a arquitetura, as divisões e as subdivisões ³⁰.

Cassirer afirma, da mesma forma, que “o caráter fundamentalmente social do mito é incontroverso” ³¹. E, de acordo com Marcelino C. Peñuelas:

Talvez não tenha havido nenhuma transformação de importância, em qualquer cultura, sem uma mitologia prévia, sem mitos que tenham atuado como fatores motivantes e ativos e, ao mesmo tempo, como expressão viva de tal transformação ³².

Assim, as diferentes mitologias são, ao mesmo tempo, a expressão e o agente da cultura, fato que, de certa maneira, se aplica à ação do mito, conforme afirma também o mesmo autor.

²⁸ Idem, p. 52.

²⁹ Idem, p. 51.

³⁰ Apud CASSIRER, *Antropologia Filosófica; um ensaio sobre o homem*, p. 131-132.

³¹ Idem, p. 132.

³² Marcelino C. PEÑUELAS, *Mito, Literatura y Realidad*, p.170 e 180.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mitos têm o poder de influenciar e de formar a consciência dos indivíduos e do grupo, tanto para a conservação quanto para a mudança da realidade social. Do ponto de vista de sua função, apresentando-se como uma narrativa que explica e justifica a realidade presente e a visão de mundo de um povo ou de um clã, remete o tempo presente ao passado, ou o projeta em direção ao futuro, procurando, assim, dar-lhe um sentido e uma significação de sua existência.

Tais são, portanto, suas funções: primeiro, uma função significativa, depois, como decorrência desta, uma função orientadora. Verifica-se, portanto, que o Mito pode ser associado, do ponto de vista de suas funções na sociedade, à ideologia.

Isso pode ser comparado às funções da ideologia, assim como definidas por Paul Ricoeur, visto que toda sociedade elabora uma representação de si mesma, conferindo-se um sentido, e nisso consiste a primeira função da ideologia, de acordo com Ricoeur, a chamada função de geral ou de integração. A segunda diz respeito à dominação, enquanto a terceira diz respeito ao sentido propriamente marxista do termo ideologia, isto é, ao seu caráter de dissimulação e de deformação da realidade.

Diante disso, e à guisa de conclusão, do ponto de vista do indivíduo e de sua identidade seria relevante uma abordagem psicanalítica dos conceitos de solidariedade mecânica e solidariedade orgânica, de Durkheim.

A primeira forma de solidariedade, afirma Durkheim, “liga diretamente o indivíduo à sociedade, sem nenhum intermediário”. A segunda forma, porém, “depende da sociedade, porque depende das partes que a compõem [...] é o tipo coletivo”.

Nesse tipo de sociedade a solidariedade é exercida através de “um sistema de funções diferentes e especiais que unem relações definidas”³³. Porém, tanto nas sociedades mais simples quanto nas mais complexas, pode ocorrer uma anulação do indivíduo, pois “a consciência coletiva, embora sendo exterior às pessoas, está, ao mesmo tempo, em cada uma delas” e “a coerção é substituída pelo hábito e pela consciência moral desenvolvida em cada pessoa”³⁴.

Dessa forma, conclui Durkheim, “estas duas sociedades não passam de uma só. São duas faces de uma única realidade”³⁵.

Onde estaria, portanto, o sujeito?

Certamente tal pergunta é de extrema importância para a Psicanálise. E a propósito da lógica do significante, como afirmou Carlos Drummond de Andrade: “Entre palavras e combinações de palavras circulamos, vivemos, morremos, e palavras somos, finalmente, mas com que significado, que não sabemos ao certo”³⁶?

³³ Émile Durkheim, *Da Divisão do Trabalho Social*, 1978, p. 82.

³⁴ Idem, *As Regras do Método Sociológico*, 1960, p. 38.

³⁵ Idem, *Da Divisão do Trabalho Social*, 1978, p. 82.

³⁶ Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio: Nova Aguilar, 1988. Disponível em: <http://leitorescesa.blogspot.com/2012/03/entre-palavras.html> (acesso: 07/08/2021).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. S. Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf>. Acesso em 01/03/2022.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio: Nova Aguilar, 1988. Disponível em: <http://leitorescesa.blogspot.com/2012/03/entre-palavras.html>. Acesso em 07/08/2021.

AQUINO, SANTO TOMÁS DE. *Suma Teológica*. Trad. de Alexandre Correia. São Paulo: abril, 1973.

CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica; um ensaio sobre o homem*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CASSIRER, Ernst. *O Mito do Estado*. Rio: Zahar, 1973.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*, 1960.

DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*, 1978.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio: Delta, s/d.

HEGEL, G. W. F. *Introdução à História da Filosofia*. São Paulo: abril, 1974. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/introduc3a7c3a30-a-historia-da-filosofia.pdf>. Acesso em 01/03/2022.

HUISMAN (Ed.). Denis. *Dictionnaire des Philosophes*. Paris, P.U.F., 1984,

PEÑUELAS, Marcelino C. *Mito, Literatura y Realidad*. Madrid: Gredos, 1965.

PLATÃO. *Fedro ou da Beleza*. Lisboa: Guimarães, 2000 (<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/fedro.pdf>).

RUSSELL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental. Livro III: A Filosofia Moderna*. (<https://www.docdroid.net/grgOcBh/russell-bertrand-historia-da-filosofia-ocidental-bertrand-russell-pdf>), acesso em 08/08/2021.

Salvador, 02 de março de 2022.

O HÁBITO DE VER AS HORAS AO LONGO DO TEMPO: DO ANTIGO ATÉ O MODERNO

English Title: THE HABIT OF VIEWING THE TIME ACROSS TIME FROM ANCIENT TO MODERN

[doi> 10.33726/akdpapers2447-7656v13a82022p56-75](https://doi.org/10.33726/akdpapers2447-7656v13a82022p56-75)

GUILHERME, Haroldo Souza¹
COSTA, Rodrigo Manoel da Silva²
SOUZA, Iracema Caproni de³

RESUMO: O objetivo principal deste trabalho foi compreender o conhecimento de hábitos e comportamentos que as pessoas adquirem ao longo dos anos, no que se refere à contagem do tempo, uma vez que estamos na era digital e todo componente eletrônico é dotado de relógio. Para alcançar o objetivo proposto, metodologicamente dizendo, foi realizado um estudo de caso numa relojoaria, no município de Frutal. O resultado constatou que a utilização de novas tecnologias teve, como efeito, a produção de novos modos de comportamentos, porém, notamos, também, que os relógios de pulso ainda são valorizados, não apenas para verificar as horas, mas como um acessório com múltiplas funções, tais como a oferta de tarefas adicionais aos usuários que têm necessidades voltados ao controle de refeições, agenda profissional ou automação residencial, por exemplo.

PALAVRAS-CHAVE: Relógio, inovação, antigo e moderno, horas

ABSTRACT: The main objective of this work was to understand the knowledge of habits and behaviors that people acquire over the years, with regard to counting time, since we are in the digital age and every electronic component is equipped with a clock. To achieve the proposed objective, methodologically speaking, a case study was carried out in a watch shop, in the municipality of Frutal. The result found that the use of new technologies had, as an effect, the production of new modes of behavior, however, we also noticed that wristwatches are still valued, not only for checking the time, but as an accessory with multiple functions, such as offering additional tasks to users who have needs related to meal control, professional agenda or home automation, for example.

KEYWORDS: Clock, innovation, ancient and modern, hours

¹ Orientadora de Produções Científicas. Mestre em Geografia. Professora do Curso de Administração, na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Frutal. Contato: e-mail: iracema.caproni@uemg.br

² Graduando em Administração pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Unidade Frutal/MG. e-mail: haroldo.1017053@discente.uemg.br

³ Graduando em Administração pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Unidade Frutal/MG. e-mail: rodrigo.1003072@discente.uemg.br

INTRODUÇÃO

Notadamente, após a Segunda Guerra Mundial, com os progressos tecnológicos e industriais, a produção de mercadorias se tornou mais rápida, fácil e multifacetada. Por conseguinte, o processo de consumo se transformou, assim como a relação dos indivíduos com ele.

As inovações tecnológicas passaram a influenciar diretamente na maneira como o homem se organizava em sociedade durante o percurso histórico de sua permanência na Terra. Assim, invenções como a da roda, o descobrimento do fogo, a escrita, a eletricidade e, mais recentemente, a internet, tanto dele derivaram quanto a ele se integraram de modo bastante profundo. “Portanto, a influência da tecnologia na identidade do indivíduo não vem de hoje, mas de sempre”, é o que argumenta fundamenta esta percepção inicial, proferida por Felipe Machado de Souza, professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC – PR) e pesquisador da área de anúncios publicitários e construção das identidades.

Atualmente, a imagem das pessoas não está somente relacionada às vestimentas e gostos pessoais, mas, também, relacionada ao consumo de tecnologia, tidos como um reflexo de uma sociedade cada vez mais dinâmica em suas aptidões, uma vez que por estas “ferramentas”, se facilita o cotidiano dos indivíduos no âmbito pessoal, social e profissional.

O consumo pode ocupar um papel determinante no processo identitário. As pessoas compõem juízos de valor em relação aos outros, assentando base, justamente nos bens comprados pelos indivíduos. Para a auto expressão e levantamento de sua identidade, o consumo é o caminho mais fácil. Nós descobrimos quem somos e nos organizamos como indivíduos a partir do que consumimos. Por exemplo, o nosso tipo de alimentação, o que lemos, os cursos que fazemos e as

roupas que usamos (ou as que não usamos), tudo, enfim, são ao mesmo tempo independentes e conectados a todos nós.

Muitas pessoas são aficionadas por aparelhos tecnológicos. Elas acreditam que possuir aparelhos tecnológicos é um privilégio, o que lhes garantiria uma espécie de “poder posicional” (dado àqueles que “possuem” este ou aquele item tecnológico, *e. g.* Mas, para outros, as tecnologias são uma evolução histórica como qualquer outra e uma mera instrumentalização de processos em níveis de excelência, inclusive.

A facilidade com que a tecnologia nos proporciona o poupar do tempo, melhorando os resultados no trabalho, otimizando nossa atuação nas mais diversas funções, permite-nos fazer crer que certos objetos eletrônicos se tornaram indispensáveis. Enquanto isso, os fabricantes cuidam para que eles fiquem cada vez menores, mais portáteis, com mais recursos e potencialidades, facilitando o convívio indissociável com o nosso corpo, acentuando-se, com isso, um certo caráter de “armadilha afetiva”, capturando nosso ego, nos aprisionando num ciclo interminável de consumo.

A partir dessas constatações, podemos lembrar mais diretamente dos aparelhos de telefone celular. Ele é, simultaneamente, despertador, telefone, agenda, monitor de exercícios, *player* de música e de conexão entre as pessoas. São dotados de relógios e contadores de tempo. Mas, de onde mesmo teria surgido a necessidade de contabilizar o tempo? Por que acompanhamos sempre o relógio: seria para controlarmos as nossas atividades rotineiras?

Diante do exposto, temos que a escrita do presente artigo se justifica, associado ao propósito de compreender a dinâmica evolutiva do de hábitos e comportamentos, os quais as pessoas foram adquirindo com o passar dos anos, no que se refere à contagem do tempo. Justifica ainda esta pesquisa, a ideia de que, uma vez que se constata que

estamos imersos numa verdadeira “Era Digital”, e que quase todos componentes eletrônicos são dotados de relógios.

Desse modo, como objetivos específicos, buscamos descrever os relógios e sua evolução ao longo do tempo, demonstrar a importância do comportamento do consumidor como estudo do quando, do porquê, e do como e onde as pessoas decidem comprar ou não um produto que meça o tempo.

A metodologia adotada foi o estudo de caso, por ser um método de pesquisa que utiliza, geralmente, dados qualitativos, coletados a partir de eventos reais, com o objetivo de explicar, explorar ou descrever fenômenos atuais inseridos em seu próprio contexto. Caracteriza-se tal método, por compreender um estudo detalhado e exaustivo de poucos, ou mesmo de um único objeto, fornecendo conhecimentos profundos sobre ele (EISENHARDT, 1989; YIN, 2009).

Tal modalidade de pesquisa vem ganhando atenção crescente, pois o interesse pelos métodos empíricos aumenta devido à necessidade de se incorporar dados reais às pesquisas e, com isto, obter resultados mais efetivos (ELLRAM, 1996). Além disto, o estudo de caso é útil para investigar novos conceitos, bem como para verificar como são aplicados e utilizados na prática elementos de uma teoria (YIN, 2009).

Entretanto, no primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema, a fim de reunir, gerar e ampliar os conhecimentos científicos a respeito do assunto e, assim, subsidiar a pesquisa proposta.

CAPÍTULO 1 – O TEMPO E O RELÓGIO

O tempo e as dimensões temporais intercorrem dos processos de urbanização, comercialização e automação da sociedade. Segundo Elias (1989, p. 64 e 65), o "processo civilizador" demonstra que, quanto mais ampla e interdependente for a ação humana, maior será sua dependência do tempo.

1.1 O Tempo

É importante olhar para o tempo como algo inevitável, inultrapassável e inelástico. O tempo é uma daquelas noções que perpassam nosso dia a dia, às quais, inclusive, damos pouca atenção, a despeito de sabermos de sua importância.

Segundo Elias (1993, p. 228), o tempo deve ser compreendido no contexto social, onde é produzido e em interação com outros elementos da vida social, sendo necessária uma articulação entre aspectos interdisciplinares e intersubjetivos.

Críticas emanam da Psicologia Social, por esta não explorar profundamente as relações entre homem e tempo, no que se demonstraria que a divisão existente entre Psicologia Social e demais Psicologias se tornou um erro, e que "estudar o tempo pode talvez contribuir para corrigir esta imagem errônea, de um mundo com compartimentos estanques" (ELIAS, 1989, p. 25). Assim, ele se expressa:

O que chamamos de "tempo" nada mais é do que o elemento comum a essa diversidade de processos específicos que os homens procuram marcar com a ajuda de relógios ou calendários. Mas, como a noção de "tempo" pode servir para determinar, de acordo com o antes e o depois, processos muito variados, os homens têm facilmente a impressão de que o "tempo" existe independentemente de qualquer sequência de referência socialmente padronizada ou de qualquer relação com

processos específicos”. Estamos medindo o tempo” os dizem, quando se esforçam por sincronizar, por datar alguns aspectos apresentados por processos específicos e tangíveis, em termos potenciais ou efetivos (ELIAS, 1998, p. 84).

Foi a partir desse entendimento, que os relógios passaram a ser concebidos como invenções úteis para a orientação e a integração de aspectos físicos, biológicos e sociais. O tempo e a sua devida compreensão, por sua vez, passam a ser elementos imprescindíveis ao domínio e à integração das relações sociais.

A ideia do relógio surgiu desde o início da humanidade. Era dia, era noite, e isso indicava a hora de caçar ou proteger-se. Olhava-se o sol e isso ficava definido. Acredita-se que a primeira forma de medir o tempo tenha surgido a partir da observação de fenômenos da natureza, como a movimentação dos corpos celestes, que se repete em ciclos constantes.

Uma criança pequena pode não saber ler as horas em um relógio, mas já pode reconhecer o tempo de acordar, comer, tomar banho ou dormir, por exemplo. A criança começa a se gerir de forma autônoma com relação ao tempo quando, por exemplo, já estabelece e cumpre horários em sua agenda, reconhece os dias do seu aniversário, reconhece o período das estações do ano etc.:

Desde muito cedo as crianças têm experiências com as marcações do tempo (dia, noite, mês, hoje, amanhã, hora do almoço, hora da escola) e com as medidas de massa, capacidade, temperatura, etc., mas isso não significa que tenham construído uma sólida compreensão dos atributos mensuráveis de um objeto, nem que dominem procedimentos de medida (BRASIL, 1997, p. 83-84).

O tempo, como produção humana, é uma ferramenta da História, visível em instrumentos como o calendário e a cronologia. Cronologia é a forma de representar os acontecimentos históricos no tempo, o que exige um calendário e uma noção de contagem do tempo.

1.2 O hábito de ver as horas ao longo do tempo

A noção de tempo, ou o sentido que se dá a este é deixar de olhar para ele como elemento de pressão, aceitar o passar do tempo como algo natural e não o sentir como fator de estresse.

Não gerimos o tempo: o administramos. Cuidamos do que fazemos num determinado período de tempo, ou seja, não o é tempo que foge, são as coisas que não são feitas é que escapam: não gerimos o tempo, mas gerimos a vida a partir das coisas que o controlam ou dos resultados que alcançamos num dado intervalo temporal.

Não é possível interferir com o passar das horas, ainda hoje não é possível parar o tempo, apenas no nosso relógio, mas ainda assim todos continuamos a funcionar, a produzir. É por esta razão que é importante aceitar o tempo como um processo contínuo e ininterrupto e começar a olhar para as tarefas que estão para ser realizadas.

Esta forma de olhar o tempo que está por vir tem, também, benefícios óbvios para a saúde pois implica que se tenham mais cuidados e se realizem, por exemplo, mais exames médicos (BOYD, ZIMBARDO, 2005).

Segundo Aristóteles, “somos o que repetidamente fazemos. A excelência, portanto, não é um feito, mas um hábito”. Um hábito é algo que fazemos regularmente e está relacionado ao que fazer, como fazer e ao querer fazer.

Será que algum de nós já passou pela experiência de olhar por acaso para o relógio (seja do carro, do celular, do decodificador da TV por assinatura ou outro modelo digital) e perceber conscientemente que sempre tivemos esse hábito, mas nunca havíamos dado a devida atenção a ele?

1.3 O relógio de pulso

O relógio de pulso tem uma história bastante interessante que envolve um brasileiro famoso: Santos Dumont vivia sujando a roupa ao tirar o relógio do bolso, com as mãos manchadas de óleo enquanto trabalhava nos seus modelos de aviões.

O primeiro relógio portátil (por volta do ano de 1.500), é creditado ao alemão Peter Henlein, considerado hoje o pai da relojoaria moderna.

O “Ovo de Nuremberg” foi o primeiro dos relógios portáteis, dando precedência à criação dos relógios de bolso e, posteriormente, de pulso.

O relógio de pulso é considerado uma invenção relativamente recente. É difícil encontrar uma fonte confiável sobre sua origem, e por isso é comum que sua criação seja atribuída ao relojoeiro francês Louis Cartier (1875-1942), fundador da consagrada marca Cartier.

No conhecimento popular brasileiro, conta-se que foi o brasileiro Santos Dumont (1873-1932) que, ao notar a necessidade de consultar um relógio sem precisar ocupar as mãos, que teria pedido a Cartier que criasse uma forma rápida e mais prática de consultar as horas.

A popularização do relógio de pulso, contudo, só aconteceu de fato com a chegada da Primeira Guerra Mundial, em 1914, devido à necessidade dos soldados de marcar o tempo em ações militares. Clarke (1998, p. 06) diz que “Durante a I Guerra Mundial, o relógio de pulso encontrou distinção entre os pilotos e oficiais da Artilharia, o que ajudou a perder sua reputação afeminada”. Com o fim da Guerra, o relógio se popularizou também entre os civis.

Entre 1918 e 1957, vários avanços e inovações nos relógios de pulso foram a ele incorporados, como o motor elétrico síncrono para relógios (1918), o dispositivo de corda automática, adaptado para uso em relógios de pulso (1923). Assim é que, o primeiro relógio a cristal de quartzo (1929), teria sido um relógio que mostrava as horas em

diferentes partes do mundo (1938). Igualmente, o primeiro relógio atômico teria surgido em 1948, alinhado a outros modelos e formatos.

Recorrendo ao pensamento de Attali (1985), é interessante reconhecer que o símbolo de industrialização da sociedade acabou sendo associado ao relógio:

Com o uso dos relógios, os homens podem empregar todos os momentos necessários nos trabalhos (...) da vida civil. O homem organiza, mediante eles, a hora do trabalho e a do repouso, a da sua comida e do seu sono. E, por essa afortunada distribuição do tempo, a sociedade mesma caminha como um relógio, e forma, quando está bem organizada, uma espécie de engrenagem cujos movimentos sucessivos são os trabalhos de todos os membros que a constituem (Redução Livre: BERTHOUD, *In*: ATALLI, 1985, p. 155).

A busca pela precisão e a ideia da sincronização fazem desse objeto: dá materialidade à própria metáfora da vida social urbana. É possível ir mais além na compreensão do relógio como metáfora da ordem social, esta que surge com a industrialização.

O relógio é capaz de cronometrar o tempo. O primeiro relógio inteligente apareceu por volta da década de 1940. Entretanto, não se sabe ao certo qual foi a primeira empresa a produzir o aparelho modelo *smartwatch*.

Diversos modelos de relógios inteligentes ocupam as prateleiras das lojas atualmente. Assim, é extremamente imprudente afirmar que este ou aquele aparelho de pulso que, eventualmente, mostrem também as horas, seja a versão mais avançada do momento. A tal "Era", anunciada pelo prefixo "smart", tem se estendido a todos os ramos dos eletrônicos.

Hoje, ter um relógio capaz de enviar e receber notificações dos mais diversos tipos não é mais novidade. Ainda assim, o poder de conectividade desses computadores de pulso é, sem dúvidas, algo digno de admiração.

1.4 A tecnologia móvel: o relógio do celular

A tecnologia móvel e sua vasta disseminação social também fazem parte da compreensão que se deseja ter sobre a medição do tempo. Conseqüentemente, por meio desta contagem, se torna visível a alteração dos padrões de comunicação e da prestação de serviços dos mais variados segmentos.

Ainda que os celulares tenham sido criados com o objetivo de fazer ligações sem a limitação dos fios e de espaço, tais aparelhos atingiram tamanha proporção que, atualmente, parecem ter feito migrar para dentro de si tudo, para a visibilidade de sua tela, tudo o que estava fisicamente ao nosso redor na vida real. A chamada telefônica, inclusive, parece ter até perdido espaço em meio a tantos recursos, que se multiplicaram com o advento da internet e dos aplicativos.

Os despertadores viraram praticamente uma relíquia, mas não o seu ódio por aquele barulho que interrompe o seu sono.

Se alguém perguntar a hora para qualquer pessoa, a grande maioria não olha no pulso, mesmo aqueles que ainda gostam de usar relógio: certamente irão consultar o celular para te dar uma resposta.

CAPÍTULO 2 – O MUNICÍPIO DE FRUTAL

Frutal está localizado no Triângulo Mineiro, antigo Sertão da Farinha Podre, pertencendo a Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba – Macrorregião de Planejamento IV, formada pela união de 66 municípios agrupados em sete microrregiões, correspondendo a uma área total de 90.545km².

Quando ao referenciado “Sertão da Farinha Podre”, convém ressaltar, que isto se refere ao tipo de área formada por alguns Arraias, os quais conformaram o atual Triângulo Mineiro, e que, após a

descoberta de ouro e de diamantes no interior de Goiás e Mato Grosso, intensificou-se a movimentação de sertanistas em direção ao Brasil central. Portanto, esse êxodo migratório foi o que caracterizou nossa região como ponto de passagem e de repouso no caminhar entre o litoral e o sertão.

Observa-se que a Microrregião de Frutal está na parte sul da Mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, e faz divisa administrativa com o Estado de São Paulo⁴. Conforme denominação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a mesorregião do Triângulo Mineiro compreende 33 municípios, distribuídos entre as microrregiões de Ituiutaba, Uberlândia, Frutal e Uberaba. A microrregião de Frutal conta com os municípios de Campina Verde, Carneirinho, Comendador Gomes, Fronteira, Frutal, Itapagipe, Iturama, Limeira do Oeste, Pirajuba, Planura e São Francisco de Sales.

A constituição oficial do município inicia-se em 05 de outubro de 1885. De acordo com a Lei n. 3.325, o Distrito foi emancipado e elevado à categoria de Vila, denominada Carmo de Fructal, desmembrando-se de Uberaba. Sua elevação à categoria de Cidade se deu em 04 de outubro de 1887, por intermédio da Lei n. 3.464, já com o nome de Frutal.

Sua localização provoca atração para o setor industrial e a afirmação de polo educacional possibilita ao município uma expansão urbana e socioeconômica relevante, pois está situada num importante entroncamento viário, formado pelas rodovias BR's 153, 262, 364 e MG's 255, 427 e 455.

Estas estradas ligam Frutal, por via asfáltica, aos principais centros do país, bem como às mais importantes cidades do Triângulo Mineiro, com os municípios situados no seu entorno, assim como Povoados e Distritos. Desse modo, o município dista 618 km da capital Belo

⁴ O Triângulo Mineiro equivale a 15,4% do território mineiro, segunda maior área entre as mesorregiões, e terceiro maior contingente populacional com 2.141.060 habitantes, conforme apontou o último recenseamento demográfico do IBGE, em 2020.

Horizonte, 614 km de Brasília, 175 km Uberlândia, 138 km de Uberaba, 78 km de Barretos – SP, 110 km de São José do Rio Preto – SP e 161 km de Ribeirão Preto, centros que mantém relações sociais econômicas com este município.

O município exerce centralidade na microrregião, devido a sua localização e o surgimento de serviços especializado, que atendem todos os municípios vizinhos. Por esta razão, é que, considerando o contexto da microrregião frutalense, é fácil notar que esse município se destaca quanto ao contingente populacional, se comparada com os demais municípios pertencentes à microrregião.

Assim, é em tal contexto que, por analogia aos centros maiores, que Frutal tem potencial para atender aos municípios de sua microrregião, lançando mão de algumas atividades, tais como a de serviços prestados pelo Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais, pela Agência da Previdência Social, da Receita Federal, da Receita Estadual, do Fórum da Comarca de Frutal, do Cartório Eleitoral e de Registro de Imóveis, além do Centro Integrado de Apoio ao Produtor (CIAP), o qual abriga o Sindicato Rural de Frutal, estendendo-se esta oferta a outros órgãos, como o Instituto Estadual de Florestas (IEF), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), e o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA).

O comércio é impulsionado pelas indústrias, pelo agronegócio do abacaxi, milho, soja e cana-de-açúcar, é bem diversificado, atraindo grande número de pessoas da microrregião que se desloca diariamente para usufruir do comércio local.

CAPÍTULO 3 – ESTUDO DE CASO “ORIENT JOIAS E RELÓGIOS”

3.1 A História da Orient Joias e Relógios

A “Orient Joias e Relógios”, hoje conhecida assim, quando foi inaugurada, em um pequeno ponto comercial no Município de Frutal, levava o nome fantasia de “Relojoaria Orient”, fundada em 1995. Naquele tempo, somente o proprietário e sua esposa atendiam toda a demanda por produtos e serviços internos.

Mesmo sendo pequena, a loja já começou promissora, acenando com forte concorrência para as demais lojas do mesmo segmento, isso devido ao talento nas confecções e consertos de joias e também a qualidade das marcas vendidas e consertos de relógios.

Em relação ao enquadramento quanto ao regime tributário, a empresa, de acordo com a Classificação Nacional das Atividades Econômicas – CNAE, se enquadra de acordo com o faturamento da empresa no Simples Nacional⁵. Este, é um regime que unifica a cobrança de oito tipos de impostos em apenas uma guia de recolhimento, sendo aplicado para Microempresas (ME) e Empresas de Pequeno Porte (EPP). Uma empresa no Simples deve faturar até R\$ 4.800.000,00 anuais, valor ajustado em 01 de janeiro de 2018. Os impostos que são englobados na guia do Simples são: IRPJ, CSLL, PIS, COFINS, IPI, ICMS, ISS e CPP.

Em relação à receita⁶, a Orient ela está enquadrada como Microempresa (ME). O porte micro diz respeito às empresas que faturam no máximo R\$ 360.000,00 por ano. Sendo assim, elas podem, desde que não exerçam atividade impeditiva, optarem pelo Simples Nacional. Ela

⁵ As empresas são enquadradas de acordo com o faturamento da empresa. No Brasil, há três tipos de tributação em vigor: simples nacional, lucro presumido, lucro real.

⁶ Enquadramento quanto à receita bruta: Microempreendedor individual – MEI, Microempresa (ME) e Empresa de Pequeno Porte (EPP).

pode contar com até 19 funcionários em caso de indústria e até 09, em caso de comércio e serviços.

Com o aumento dos serviços prestados, a loja ao longo do tempo, precisou aumentar o número de funcionários e mudar seu ponto comercial, hoje com o local mais amplo e estratégico na cidade. A empresa conta, no momento do estudo, com 07 funcionários e, com as mudanças de mercado e hábitos dos consumidores, foi necessário divulgar seus produtos na área digital, diversificando e agregando produtos aos relógios, notadamente os de pulso.

Ao comércio de relojoarias hoje, na cidade de Frutal, somam-se um total de 05 lojas, sendo a Orient Joias e Relógios a mais ampla e conceituada, detentora do segundo prêmio “Melhores do Ano 2021”, da Associação Comercial e Industrial de Frutal – ACIF e da Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL.

Em conversa com seu proprietário sobre vendas de relógios, ele diz que na atualidade, o mercado mudou muito, que não é mais do jeito que se vendia quando começou com a loja. “É bem claro que hoje não são as vendas de relógios que mantêm a loja, mas é um conjunto de processos e produtos ofertados que mantêm a empresa, fazendo com que o relógio seja apenas uma parte deste processo”.

ENTREVISTA COM O PROPRIETÁRIO DA “ORIENTE JOIAS E RELÓGIOS”

“Sobre a evolução do uso do relógio, ainda sou do tempo, ‘por favor, quantas horas são?’. Independente de acessórios de última geração, os relógios são utilizados há muito tempo para acompanhar o horário ou o tempo. Mas, a tecnologia chegou, e acreditem, os relógios de pulso ainda são acessórios valorizados.

Hoje, além da função de ver as horas, o relógio se tornou acessório e um produto para ser colecionado. Mas há outro público, o que procura os relógios *smartwatches* (relógios inteligentes), pois ele desempenha tarefas adicionais aos usuários desses tipos de *gadgets* que têm necessidades diferentes.”

ENTREVISTA COM UM DOS FUNCIONÁRIOS / VENDEDORES DA EMPRESA

Sobre o modelo de relógio mais vendido, ele diz, não um há um modelo específico. “Você pode observar a nossa vitrine, trabalhamos com os modelos desde os tradicionais, que faz a gente lembrar dos nossos avós, até os modelos mais modernos, por exemplos, os relógios inteligentes (*Smarts*).”

E acrescentou, “A gente percebia que antes as pessoas procuravam por relógios, para somente ler as horas, hoje, a venda não está mais direcionada para isso, o mais se observa é que as pessoas querem coleções de relógios para adequar ao *look* do dia, isso mesmo, o relógio passou a ser um acessório que compõe a vestimenta.”

Acredita-se que as joias e relógios são mais que adornos, não são usados apenas para embelezar, então, para que fim foram feitas? Símbolos de cultura, patrimônio, herança, elas, às vezes, são peças de recordação familiar, de estima, importância emocional ou até mesmo mera forma de adorno cultural. As joalherias e relojoarias são de extrema importância para que estes caminhos sejam trilhados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O mercado de tecnologias se desenvolveu de maneira ágil, acompanhado o ritmo de desenvolvimento da civilização, o que naturalmente concedeu ao consumidor diversas opções de equipamentos e dispositivos tecnológicos, com os quais pudessem satisfazer suas necessidades e seus.

É neste cenário, que surgiram grande parte dos equipamentos tecnológicos cotidianamente presentes na vida do ser humano, quer se apresentem ao usuário de forma compacta, quer com funções convergentes, possibilitando ao portador novas formas de uso, ao mesmo tempo em que estimulam a sua atualização para os muitos produtos e serviços disponíveis (ELIAS, 1993).

Nesta nova configuração tecnológica da sociedade de consumo, os produtos com funcionalidades convergentes, tendem a realizar junções com o serviço de televisão, de jogos, de redes sociais, de acesso à internet, as quais, até memória recente, estavam, de um lado, disponíveis separadamente em diversos aparelhos eletrônicos, e, hoje, na internet das coisas, nos aparelhos celulares (BARBOSA, 2004).

Além disso, vimos em nossos estudos, que as inovações foram exigidas aos fabricantes, por força das necessidades específicas dos consumidores, que passaram a ser mais rigorosos. Logo, foi demandada dos fornecedores, uma resposta mais inovadora ao setor tecnológico, a qual foi adaptada ao cotidiano intenso dos indivíduos, os quais não buscam somente utilizar os dispositivos, mas, também, utilizá-los como fonte de diferenciação social, a qual se manifesta, tanto por intermédio da marca, quanto das funcionalidades e do *design* destes.

Baseado nestas necessidades, surgem às tecnologias vestíveis (*Wearable Technologies*). Estas, por sua vez, foram lentamente definidas como dispositivos utilizados como acessórios estéticos, que podem ser

combinados com peças de roupas. Estes dispositivos também oferecem funções como transmissões de dados, acesso à Web, acompanhamento de funções vitais do corpo humano, dentre outras funcionalidades convergidas em um único equipamento (SCHERER, 2014. *In*: CASTANHEDE *et alli*, 2018, p. 01).

Corroborando com essas citações, os entrevistados da “Relojoaria Orient” confirmam que “antes, as pessoas procuravam por relógios para somente ler as horas, hoje, a venda não está mais direcionada para isso, o mais se observa é que as pessoas querem coleções de relógios para adequar ao *look* do dia”.

É assim que o relógio passou a ser um acessório que compõe a vestimenta e, de acordo com o proprietário do estabelecimento, “hoje, além da função de ver as horas, o relógio se tornou acessório e um produto para ser colecionado” (CLARKE, 1998).

O relógio *smartwatche* é um dispositivo tecnológico, no formato de relógio de pulso, que agrega diversas funcionalidades, como acesso à internet, realização de ligações, leitura de e-mails, ou seja, é um dispositivo multifuncional, que se destaca como vestimenta. Porém este produto ainda é restrito a pessoas com poder aquisitivo mais alto e, conseqüentemente, ainda desconhecido para a maioria dos brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, o objetivo foi o de compreender o conhecimento de hábitos e comportamentos que as pessoas foram adquirindo ao passar dos anos, no que se refere à contagem do tempo, uma vez que estamos na Era Digital, e quase todo componente eletrônico é dotado de relógio.

Neste sentido, o presente estudo de caso constatou que a utilização de novas tecnologias teve como efeito a produção de novos modos de comportamentos, porém, os relógios de pulso ainda são

valorizados, não apenas para verificar as horas, mas, como um acessório com múltiplas funções que desempenham tarefas adicionais aos usuários que têm necessidades diferentes.

Segundo os entrevistados, os relógios de pulso ainda são acessórios valorizados e dizem, ainda, que ele passou a ser um acessório no dia a dia das pessoas.

Acompanhando as revoluções tecnológicas nesse segmento, temos a clara impressão de que as tecnologias vestíveis que desempenham várias funções simultâneas, como acesso à internet, realização de ligações, leitura de e-mails, se configuram como um dispositivo multifuncional, que, de fato, se destaca como vestimenta e, também, como acessório.

Todavia, este estudo não teve o objetivo de esgotar a lacuna temática, até porque isso não seria possível, dada à vasta amplitude e fluidez dos assuntos que envolvem a utilização de novas tecnologias, dando origem a novos modos de comportamentos.

Pensando na evolução do tema, destacamos que cabem diversos estudos adicionais, a fim de que se evidenciem o caminho acadêmico do problema, tal como o do crescente comércio no nicho dos eletrônicos.

REFERÊNCIAS

- ATTALI, J. *Histórias del tiempo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 161.
- BARBOSA, Livia. *Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: matemática / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BOYD, J. N., e ZIMBARDO, P. G. «Time perspective, health and risk taking». *In: Understanding Behavior in the Context of Time: Theory, Research and Applications*. A. Strahman, e J. Joireman (eds.), Mahwah, N. J., Erlbaum, pp. 85-107, 2005.
- CANTANHEDE, Lorena Renata Costa et alli. COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR DE TECNOLOGIA VESTÍVEL: CARACTERÍSTICAS QUE INFLUENCIAM NA INTENÇÃO DE CONSUMO. *REAd. Rev. eletrôn. adm.* (Porto Alegre) vol.24 no.3 Porto Alegre Sept./Dec. 2018. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-23112018000300244&script=sci_arttext. Acesso em: 13/05/2022.
- CLARKE, P. *The watch: an appreciation*. Grã Bretanha: Ed. Design Icons, 1998 (Tradução livre).
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.
- _____. *Sobre el tiempo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- _____. *O processo civilizador – formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Volume I
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *O processo civilizador – uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. Volume II
- EISENHARDT, K. M. Building theories form case study research. *Academy of Management Review*. New York, New York, v. 14 n. 4, 1989.
- ELLRAM, L. The use of the case study method in logistics research. *Journal of Business Logistics*. Oakbrook, Ill, v. 17, n. 2, 1996.
- YIN, R. K. *Case study research, design and methods* (applied social research methods). Thousand Oaks. California: Sage Publications, 2009.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BARROS, Carla; ROCHA, Everardo. *Lógica de consumo em um grupo das camadas populares: uma visão antropológica de significados culturais*. In: ROCHA, Angela da; SILVA, Jorge Ferreira da (Org.). *Consumo na base da pirâmide: estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2009, p. 31-48.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1997

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FLYVBJERG, B. Five misunderstandings about case-study research. *Qualitative Inquiry*, v. 12, p. 219-245, 2006.

LING, Rich. *The mobile connection: the cell phones impact on society*. New York: Morgan Kaufman, 2004

THOMAS, G. Doing Case Study: Abduction Not Induction, Phronesis Not Theory. *Qualitative Inquiry*, v.16, n.7, p. 575-582, 2010.

O DELIVERY COMO FENÔMENO CONTEMPORÂNEO E OS IMPACTOS SOCIAIS¹

EnglishTitle: DELIVERY AS A CONTEMPORARY PHENOMENON AND SOCIAL IMPACTS

doi 10.33726/akdexandedsummary2447-7656v12a72022pR11-14

MEMBROS DO GT²: NAIRA, Elida; GARCIA, Geovana; ASSUNÇÃO, Jessica; LEONEL, Maria Clara; FERNANDES, Matheus

PESSOA, Marcelo³ –  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

RESUMO: Este estudo se debruça a analisar os impactos gerados pelo serviço de entregas a domicílio para a sociedade, sobretudo durante a pandemia de COVID-19. Metodologicamente, faremos uma revisão bibliográfica em acervos físicos e digitais. Este projeto possui como objetivo identificar a importância dessa nova profissão, bem como as mudanças trazidas à sociedade a partir de seu surgimento. Justifica a realização desta pesquisa, a importância de trazer à sociedade importantes aspectos desse novo formato de trabalho e seus pontos positivos e negativos no cenário trabalhista atual. Os primeiros resultados apontam para uma realidade de facilidade e comodidade do consumidor, o que contribui para lentamente afastar o consumidor e o trabalhador da vivência em sociedade, dando origem a problemas trabalhistas, como o aumento do trabalho informal e questões emocionais, face à ausência de convívio social. O corpus de análise será retirado de documentos, endereços eletrônicos e artigos publicados acerca do avanço desse meio informal de trabalho após o surgimento da COVID-19.

PALAVRAS-CHAVE: Relação empregatícia, subemprego, desenvolvimento tecnológico, saúde mental

ABSTRACT: This study focuses on analyzing the impacts generated by the home delivery service for society, especially during the COVID-19 pandemic. Methodologically, we will review the literature on physical and digital collections. This project aims to identify the importance of this new profession, as well as the changes brought to society since its emergence. Justifies the accomplishment of this research, the importance of bringing to society important aspects of this new work format and its positive and negative points in the current labor scenario. The first results point to a reality of ease and convenience for the consumer, which contributes to slowly moving the consumer and the worker away from living in society, giving rise to labor problems, such as the increase in informal work and emotional issues, given the absence of social conviviality. The corpus of analysis will be taken from documents, electronic addresses and published articles about the advancement of this informal work environment after the emergence of COVID-19.

KEYWORDS: Production and Dissemination of Knowledge, Intersemiotic Philosophical Studies, Scientific Dissemination

¹ Produção científica redigida na tipologia textual “Resumo Expandido / Artigo Completo – segundo a norma de cada periódico”. Orientação e Publicação realizadas durante a regência da Disciplina de Língua Portuguesa (2022).

² Discentes do Curso de Bacharelado em Administração, UEMG, Unidade Frutal.

³ Bolsista de Produtividade Científica – Chamada 01/2021 – Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ / UEMG. Texto produzido como resultado de orientação de discentes e estudos para a regência de disciplinas de Graduação, na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal.

INTRODUÇÃO

O *delivery* é um termo em inglês, que significa distribuir e, neste sentido, vem sendo utilizado, no Brasil, como vocábulo para expressar a ideia de um tipo de serviço de entrega a domicílio.

Nos últimos anos, o desenvolvimento de diversas plataformas e aplicativos tem contribuído para o avanço desse ramo de trabalho, o qual se difundiu devido ao seu potencial de proporcionar bem mais benefícios organizacionais do que exatamente ganhos sociais e financeiros ao trabalhador.

Por isso, a ascensão dessa atividade, sobretudo na pandemia de COVID-19, trouxe como resultante um negativo crescimento da relação empregatícia informal entre *motoboys*. Por outro lado, essa modalidade de trabalho influenciou comportamentos maléficos entre os consumidores.

Assim, um trabalho como o nosso, se justifica, na medida em que se torna necessário discorrer sobre a relevância dos impactos gerados por esse fenômeno social e trabalhista contemporâneo:

Uma das consequências da pandemia é o aumento do desemprego e, portanto, a elevação da informalização do trabalho, dos terceirizados, dos subcontratados, dos flexibilizados, dos trabalhadores em tempo parcial e do subproletariado (COSTA, 2020, p. 04).

O objetivo geral desta pesquisa é o de apontar as consequências sociais ocasionadas pela eclosão do *delivery*, após o surgimento do Novo Coronavírus. E possui como objetivos específicos, verificar como esse novo modo de trabalho se comporta em relação aos diversos portes de empresas existentes, bem como identificar as frequências em serviço de entrega pelos usuários e se houve alguma complicação como consequência.

PROBLEMÁTICA E HIPÓTESE DE TRABALHO

Com o surgimento da pandemia de COVID-19, muitas pessoas ficaram desempregadas e começaram a procurar meios para ganhar dinheiro e até mesmo uma renda extra. Assim, com o crescimento do *delivery*, muitos trabalhadores ociosos ingressaram no segmento das entregas.

Um ponto positivo para os comerciantes, restaurantes e empresas foi o corte de gastos com funcionários (impostos, atendimento). Por exemplo, para uma lanchonete que somente contasse com o sistema de *delivery*, seriam necessários funcionários para preparar os lanches e porções, no gerenciamento e para as entregas, dispensando funcionários para servir em mesas e para atender ao público.

Ademais, o advento de diversas inovações contemporâneas, como as tecnológicas, trouxe ao ser humano mais praticidade e comodidade em sua vida cotidiana. Porém, é notório que por mais que essa ferramenta seja de extrema importância no mundo atual, é também causadora de diversos males.

RESULTADOS

A aceleração social surgida a partir dessas novidades contemporâneas tem causado ao homem uma necessidade de obter tudo no menor tempo possível, com pouco ou nenhum esforço, sendo que com essa realidade intrínseca à sociedade, diversas doenças psicológicas começam a se intensificar. Nesse sentido, o *delivery* se apresenta como uma ferramenta de fuga para essas pessoas que se privam de viver suas vidas reais, para viver a irrealdade virtual:

É necessária uma reflexão sobre os efeitos dessas mudanças, bem como o que o novo normal trouxe e está trazendo para as empresas e para a sociedade. Assim, podemos refletir sobre o papel importante e o crescimento das empresas *delivery* no mundo e a importância da manutenção do emprego para o governo e para as famílias (SILVA, 2021, p. 13).

Portanto, essa nova modalidade exige certos cuidados. Por mais que seja prático e eficiente, não se deve deixar a vida em segundo plano. Saber respeitar essa nova profissão é fundamental, da mesma forma que se deve equilibrar a rotina para não afetar o psicológico humano em uma época de enfermidade que assola todo o mundo.

Dessa forma, seria possível aproveitar os avanços de forma segura e respeitosa que agradaria a todos.

REFERÊNCIAS

COSTA, S. S. Pandemia e o desemprego no Brasil, Revista Administração, agosto/2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/SGWCFyFzjrDwgDJYKcdhNt/?lang=pt>. Acesso em 02/12/2021, às 22h29min.

SILVA, Maicon. O crescimento das empresas de delivery no contexto da pandemia. Faculdade Federal de Minas Gerais, maio/2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/36474>. Acesso em: 02/12/2021, às 21h31min.

A IMPORTÂNCIA DO RECURSOS HUMANOS NAS EMPRESAS¹

EnglishTitle: THE IMPORTANCE OF HUMAN RESOURCES IN COMPANIES

doi> [10.33726/akdexandedsummary2447-7656v12a72022pR15-20](https://doi.org/10.33726/akdexandedsummary2447-7656v12a72022pR15-20)

MEMBROS DO GT²: SILVA, Augusto de Souza; FERREIRA, Franciely Freitas; SANTOS, Geniarde Martins dos; MOREIRA, Renata Alves; MACEDO, Samira Souza

PESSOA, Marcelo³ – [ib https://orcid.org/0000-0002-9193-4604](https://orcid.org/0000-0002-9193-4604)

RESUMO: Este estudo tem o objetivo de evidenciar a importância dos recursos humanos nas organizações, bem como suas áreas de atuação. A metodologia utilizada para essa pesquisa foi de natureza aplicada e qualitativa, pesquisa bibliográfica e exploratória, de modo que se entende o tema abordado, por meio da análise de materiais já publicados para a contribuição dos objetivos do estudo. O trabalho nos mostra que o sucesso que as grandes organizações têm é resultado de um esforço eficaz que é feito pelos recursos humanos, intermediando interesses da empresa e interesses dos colaboradores. Como resultados, vemos que neste contexto constata-se que para ter sucesso, uma organização precisa ter uma ótima relação com os seus funcionários e também um ótimo clima organizacional.

PALAVRAS-CHAVE: Recursos humanos, empresa, importância, organização

ABSTRACT: This study aims to highlight the importance of human resources in organizations, as well as their areas of activity. The methodology used for this research was of an applied and qualitative nature, bibliographic and exploratory research, so that the topic addressed is understood, through the analysis of materials already published for the contribution of the objectives of the study. The work shows us that the success that large organizations have is the result of an effective effort made by human resources, intermediating the company's interests and the interests of employees. As a result, we see that in this context it appears that to be successful, an organization needs to have a great relationship with its employees and also a great organizational climate.

KEYWORDS: Human resources, company, importance, organization

¹ Produção científica redigida na tipologia textual “Resumo Expandido / Artigo Completo – segundo a norma de cada periódico”. Orientação e Publicação realizadas durante a regência da Disciplina de Língua Portuguesa (2022).

² Discentes do Curso de Bacharelado em Administração, UEMG, Unidade Frutal.

³ Bolsista de Produtividade Científica – Chamada 01/2021 – Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ / UEMG. Texto produzido como resultado de orientação de discentes e estudos para a regência de disciplinas de Graduação, na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal.

INTRODUÇÃO

A área de Recursos Humanos, popularmente conhecida por RH, é o setor responsável pela gestão de pessoas. Este setor possui um conjunto de técnicas e práticas realizadas pelos profissionais que nela atuam, com a finalidade de gerir comportamentos internos e potencializar o capital humano. Este departamento tem importância muito grande para a estrutura das organizações, cuida de todos os outros setores, fazendo a seleção de colaboradores que tenham requisitos para o cargo destinado.

De modo geral, o setor de RH atua diretamente na estratégia da formação de equipes dentro das organizações, fazem recrutamento, seleção, treinamento, remuneração e benefícios aos colaboradores.

Antes da Revolução Industrial não havia posicionamento estratégico para as equipes de trabalho, nem mesmo a regulamentação de direitos e deveres de trabalhadores, visto que os mesmos não tinham qualidade de vida e expediente no trabalho regulado. Com a chegada das leis trabalhistas e a mudança de postura da sociedade diante das relações de trabalho, o RH passou por uma grande transformação, assumindo a responsabilidade de zelar pelas boas relações profissionais, enxergando o colaborador como parte importante do patrimônio da empresa, continuando o autor enfatiza:

Os recursos humanos diferem de outros ativos organizacionais, como o capital físico, os ativos financeiros e os ativos tecnológicos, tratando-se de uma combinação de características relevantes, como a singularidade e a vontade própria e por isso, a sua gestão pode ser especialmente desafiadora e de grande valor para a organização. Na verdade, estas características acabam por gerar formas diferentes de gestão, o que as pessoas pensam e sentem acerca das suas condições de trabalho e as relações com as suas organizações pode influenciar profundamente o seu comportamento. Por isso, uma gestão ineficaz dos recursos humanos pode prejudicar a eficiência organizacional e a sua capacidade para assegurar vantagens competitivas (CHADWICK & DABU, 2009, p. 03).

Nos tempos atuais, a área de Recursos Humanos das empresas estão cada vez mais entendendo que o talento humano é capaz de erguer ou derrubar uma organização. Com essa visão, investem no bem-estar dos

colaboradores, a fim de obter deles maior produtividade e, com isso, mais lucratividade.

Como dito, o departamento de recursos humanos vai além da realização de contratações. A área se responsabiliza pelas melhorias dentro da empresa, tanto para os colaboradores quanto para o público. O RH é responsável pelo relacionamento entre a empresa e o funcionário. É ele quem deve melhorar os resultados da empresa, com base nas pessoas ali selecionadas para tal função, alinhando as políticas de direitos e Recursos Humanos com a estratégia da organização:

As pessoas e as organizações estão engajadas em uma complexa e incessante interação; as pessoas passam a maior parte de seu tempo nas organizações das quais dependem para viver e as organizações são constituídas de pessoas sem as quais não poderiam existir. Sem as pessoas e sem as organizações não haveria a área de RH (CHIAVENATO, 2020, p. 36).

Este setor pode prever o futuro do profissional na empresa, através de seu desempenho e talento no trabalho, fazendo planejamento estratégico e plano de carreira. A avaliação de desempenho é a principal ferramenta de acompanhamento da carreira do colaborador. Para isso, é necessário que se faça e siga um cronograma, a fim de que essas análises não se percam e fiquem sem o retorno esperado.

Para quem tem interesse em trabalhar nessa área, existem diversas oportunidades de trabalho dentro do setor, que, em geral, exigem formação superior. Além do curso tecnológico em recursos humanos, é comum encontrar profissionais com graduação nas áreas de Administração, Psicologia, Pedagogia e Serviço Social.

Mas, também, existem posições para profissionais do Direito, principalmente para atuar no departamento pessoal, lidando com relações trabalhistas e sindicais, e da Medicina, no setor de Saúde e da Segurança. Por conta da complexidade do trabalho, os profissionais em geral costumam se especializar em áreas específicas e se atualizar constantemente.

Por isso, investir em cursos e aprimoramento profissional renova as ideias de atuação da área e reforça as estratégias positivas já aplicadas. Fazer uma gestão de RH eficiente vai muito além de tudo o que foi escrito. Isto é assim, pois não existe estratégia que tenha mais efeito do que o olho no olho.

Uma conversa despretensiosa, um sorriso, um abraço, um apoio em momentos difíceis e uma comemoração por objetivos alcançados. Ser Recursos Humanos é, antes de tudo, exercer a empatia, inteligência emocional e muita paixão pela profissão. Sentimentos que nenhuma inteligência artificial consegue reproduzir.

RESULTADOS

De acordo com os dados e informações coletadas para a execução deste trabalho, foi possível observar que o modelo de RH estratégico vem se tornando mais essencial nos âmbitos organizacionais.

Por meio dele é possível realizar um trabalho mútuo entre a empresa e os colaboradores, conseguindo desenvolver os pontos fracos e identificando os pontos fortes, garantindo, assim, o alcance das metas desejadas e buscando aperfeiçoar e capacitar seus colaboradores.

Para que isso ocorra é necessário que a empresa busque estabelecer um elo entre os colaboradores, alinhando seus objetivos ao planejamento estratégico.

É importante que o profissional de RH se sinta motivado e engajado dentro da organização, por isso, é primordial que exista uma comunicação clara e assertiva, em que os colaboradores se sentem importantes para a organização, podendo expressar opiniões sobre a empresa e seus processos, assim como a empresa busca trabalhar mais os pontos necessários junto aos seus colaboradores, via oportunidades de desenvolvimento.

CONCLUSÕES

A presente pesquisa foi elaborada, a fim de responder ao seu objetivo geral, que propõe correlacionar a Gestão de Recursos Humanos aos resultados globais das empresas. A partir das pesquisas, foi possível chegar à conclusão de que, para que o departamento de recursos humanos garanta resultados e agregue valores a uma empresa, sua gestão deve ser executada estrategicamente, com eficiência, dedicação e eficácia no gerenciamento das transformações e da mudança.

Para isso, é necessário que diversos papéis possam ser desenvolvidos por esse setor e não apenas um exclusivamente, a fim de que sejam atingidos resultados, não somente financeiros e quantitativos, mas também os relacionados aos colaboradores, como atenção e acompanhamento, para que se sintam cada vez mais motivados a alcançar as metas especificadas.

Analisando os impactos nos negócios de uma organização em constante evolução e o valor individual desenvolvido pelas boas práticas e hábitos profissionais. Para isso, foi realizada uma revisão teórica, em que foi evidenciada a progressiva evolução dos conceitos e das práticas dos recursos humanos. Por fim, identificando as práticas e a importância da gestão de recursos humanos na integração entre os setores existentes dentro de uma empresa.

Essa análise foi satisfeita, visto que o Departamento de Recursos Humanos assume, hoje, também, a responsabilidade no planejamento, produção de produtos e serviços, também pela qualidade, vendas e alocação de recursos financeiros. Além disso, esse setor merece atenção em todas as fases de um projeto.

Conclui-se que a evolução do Departamento de Recursos Humanos e seu contexto de atuação atualmente é um dos mais fundamentais parâmetros de sobrevivência às organizações no mercado.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Adriano Ferreira de; CARVALHEDO, Amanda Gomes; FILHO, Érico Colodetti. *A importância dos recursos humanos nas organizações*. Disponível em <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2021/05/a-importancia-dos-recursos-humanos-as-nas-organizacoes.pdf>. Acesso 23/02/2022 10h03min.

HALF, Robert. *Gestão de Recursos Humanos: guia completo sobre as melhores práticas*, 15 de janeiro de 2020. Disponível em <https://www.roberthalf.com.br/blog/gestao-de-talentos/gestao-de-recursos-humanos-guia-completo-sobre-melhores-praticas-rc>. Acesso 22/02/2022 20h10min.

SILVA, Raiane Rodrigues da. *A importância do setor recursos humanos no contexto da estratégia da organização*, Orleans, 9 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2015/02/Monografia-RAIANE-RODRIGUES-DA-SILVA.pdf>. Acesso 22/02/2022 18h00min.

TEIXEIRA, Alexandra Fernandes. *A importância dos recursos humanos na qualidade e efeitos no desempenho organizacional*, disponível em [https://ubibliorum.ubi.Pt/bitstream/10400.6/3085/1/Alexandra Teixeira M4566.pdf](https://ubibliorum.ubi.Pt/bitstream/10400.6/3085/1/Alexandra%20Teixeira%20M4566.pdf). Acesso 23/02/2022 11h40min.